



# *Gazeta das Aldeias*



N.º 2432 \* 1 DE OUTUBRO DE 1960



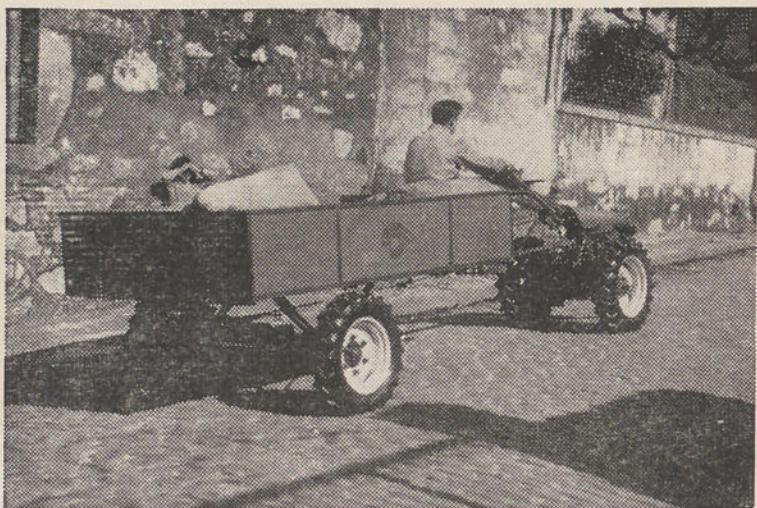
Sala .....

Est. ....

Tab. ....

N.º .....

*Siga-me... Acompanha-nos a melhor Istenica!*



**Motocultor L5-H 13 HP, O MAIS MODERNO E POTENTE DO MERCADO**  
(Via regulável entre 70 e 108 cms.)

Faz todos os trabalhos agrícolas e... REBOCA 1.800 Kgs.

ISENTO DE CARTA DE CONDUÇÃO

**BUNGARTZ BUNGARTZ BUNGARTZ BUNGARTZ BUNGARTZ BUNGARTZ**

**Tractor T5-13 HP, um gigante com corpo de anão**

- Motor Hatz, diesel
- 10 velocidades
- Via regulável entre 89 e 105 cms.

.....

As máquinas BUNGARTZ já trabalham desde o Minho ao Algarve.

.....

Consulte-nos sobre o equipamento que lhe convém.



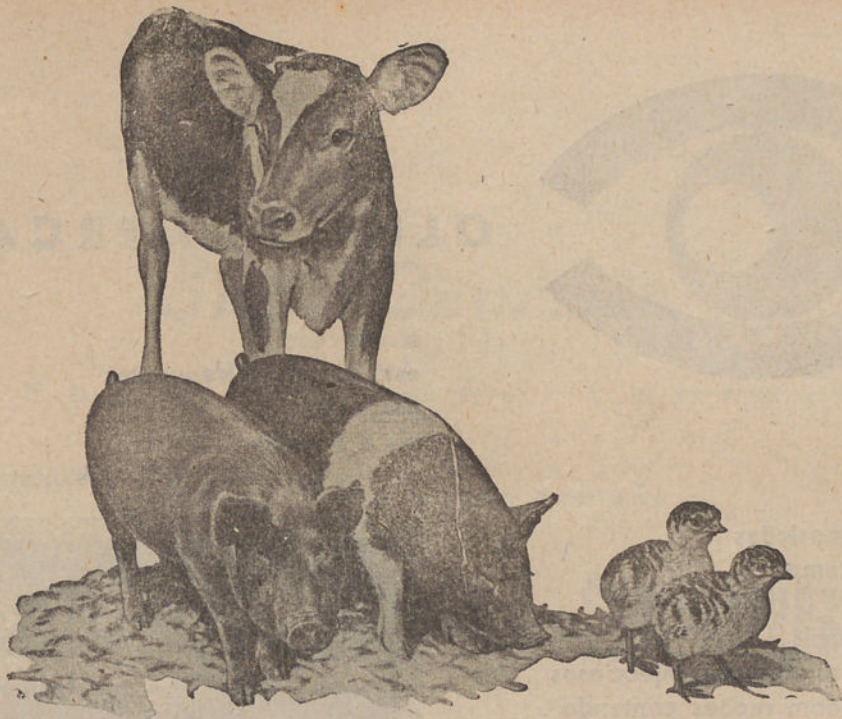
RAMO AGRÍCOLA DA

**Agência Comercial de Anilinas, Lda.**

75 — Galeria de Paris — 77

PORTO

Telef. 25397



## AUMENTE OS SEUS LUCROS

O *Aurofac*\* é o produto que contém a Aureomicina\* (clorotetraciclina) e o seu uso permanente nas rações proporcionar-lhe-á:

- 1.º Diminuição da mortalidade;
- 2.º Mais porcos por ninhada;
- 3.º Aumento do índice de crescimento e de engorda;
- 4.º Mais aumento de peso;
- 5.º Menor consumo de ração.

O uso diário do *Aurofac* nas rações permite que os porcos atinjam os pesos de abate 2 ou 3 semanas mais cedo. O uso diário do *Aurofac*, nas rações, poupar-lhe-á tempo e dinheiro.

Utilize o *Aurofac* nas rações dos porcos e será largamente compensado

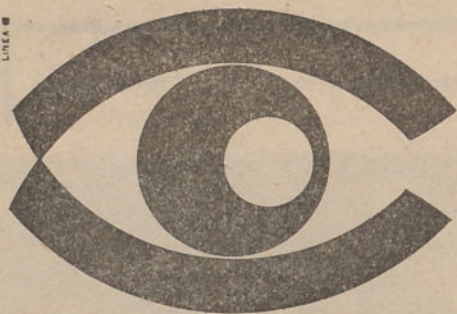
Peça ao seu fabricante, ou fornecedor, rações contendo *Aurofac*

\* *Marcas Registradas*

DEPARTAMENTO AGRO-PECUÁRIO  
Cyanamid International  
A Division of American Cyanamid Company  
30 Rocketteller Plaza, New York 20, N.Y., U.S.A.



Repres. exclusivos para Portugal e Ultramar:  
ABECASSIS (IRMÃOS) & C.ª  
Rua Conde de Redondo, 64—LISBOA  
Rua de Santo António, 15-3.º—PORTO



## OLHE O MERCADO

o mercado  
está sujeito a frequentes  
oscilações  
eis a solução  
para o problema de sua exploração

para obter  
melhores reposições  
em menos tempo  
e defender  
os seus animais  
de numerosas doenças infecciosas  
alimente-os com rações contendo

# BI-CON\*

## TM 3+3

## TM 10

## TM 25

para aves, suínos e bovinos  
novo e melhorado  
com apreciável quantidade  
de vitamina B<sub>12</sub>

contém

**Terramicina\***

*menor tempo +  
maior segurança =  
máximo rendimento*



\* Marca de fabricante de Chas. Pfizer & Co., Inc.



PFIZER PORTUGUESA, LIMITADA  
R. Rodrigo da Fonseca, 139 — Telef. 68 95 11 — LISBOA-1  
R. Sá da Bandeira, 605-2.º — Telef. 3 09 26 — PORTO

*Snr. Lavrador*

F a ç a   a s   s u a s   c o n t a s !

Prefira como adubo azotado o

**Nitro-Amoñiacal C. U. F. Concentrado**

com 26,5 % de Azoto

**(Metade nítrico \* Metade amoñiacal)**

pois é de todos os adubos azotados  
aquele que resulta **MAIS BARATO.**

Pode aplicá-lo, quer à

SEMENTEIRA quer em COBERTURA



**Companhia União Fabril**

L I S B O A

R. do Comércio, 49



P O R T O

R. Sá da Bandeira, 84

DEPÓSITOS E REVENDADORES EM TODO O PAÍS

# DESINFECTANTES DE SEMENTES

## “SCHERING”

### TUBAVIT

desinfectante especial para trigo, 12% de Hexaclorobenzeno

### ABAVIT-NEU

1,7 % de Mercúrio, em combinação orgânica

2891

Distribuidores Exclusivos:

**AGUIAR & MELLO, LDA.**

Praça do Município, 13-1.º — LISBOA



**TILLANTIN**  
OS DESINFECTANTES  
IDEAIS PARA AS SUAS  
SEMENTES.  
**AMATIN**

REPRESENTANTES PARA PORTUGAL:  
S. A. R. L. QUIMICOR — Secção Agrícola  
RUA SOCIEDADE FARMACÉUTICA, 3 — LISBOA

## HERPETOL

PARA DOENÇAS DA PELE

UMA GOTA DE HERPETOL  
e o seu desejo de coçar  
passou. A comichão desa-  
perece como por encanto.

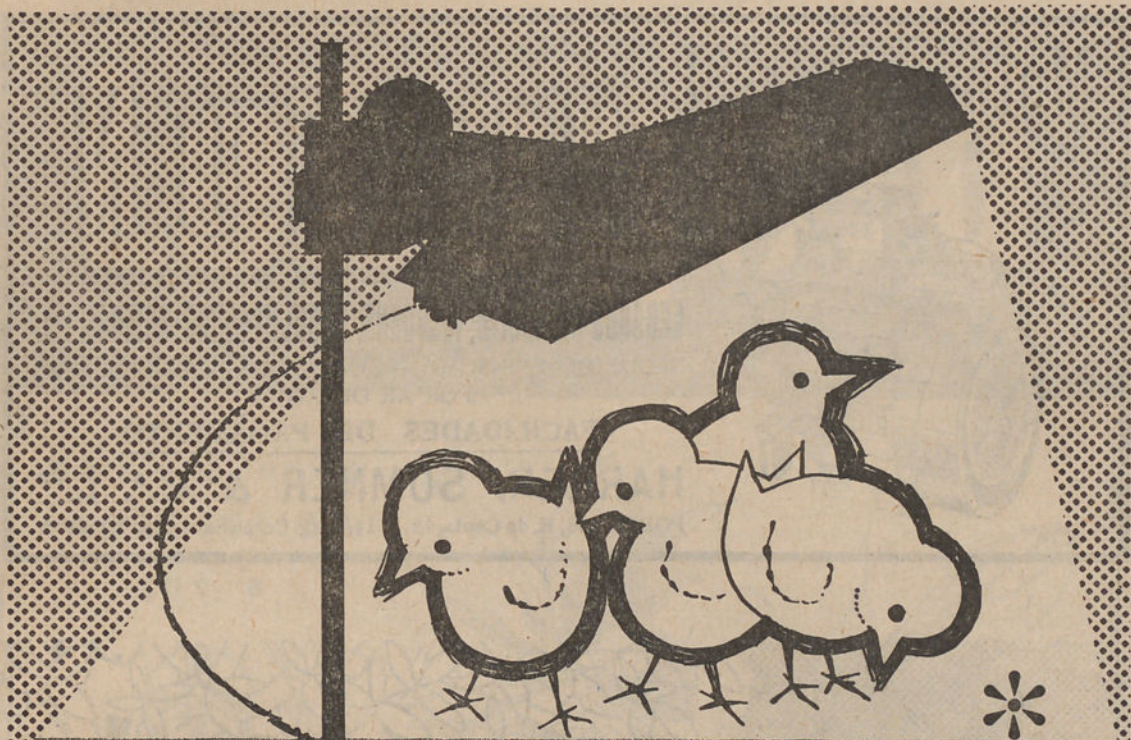
A irritação é  
dominada, a  
pele é refres-  
cada e ali-  
viada. Os  
alívios come-  
çaram. Medi-  
camento por  
excelência  
para todos os casos de eczema húmido ou seco,  
crostas, espinhas, erupções ou ardência na pele.

À venda em todas as farmácias e drogas

**VICENTE RIBEIRO & CARVALHO  
DA FONSECA, LIMITADA**

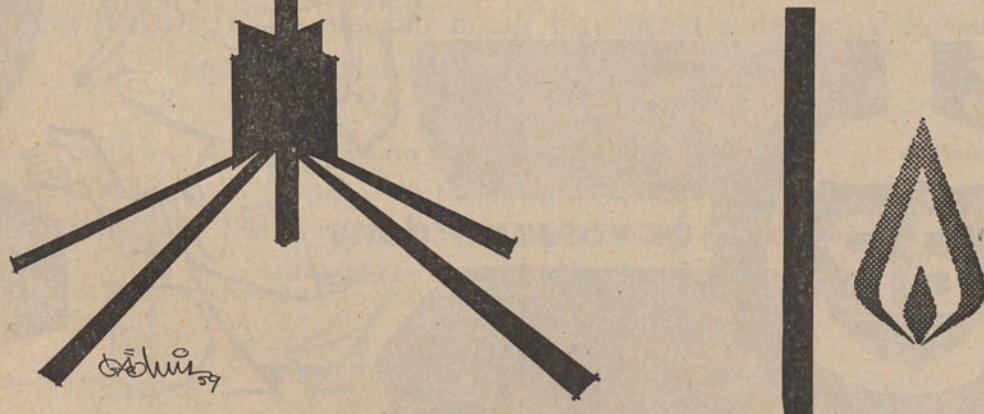
RUA DA PRATA 237 — LISBOA





**PROPAGANDA**

**criadeiras  
para pintos**



No seu próprio interesse consulte a

3330

**CIDLA — Combustíveis Industriais e Domésticos S. A. R. L.**

LISBOA

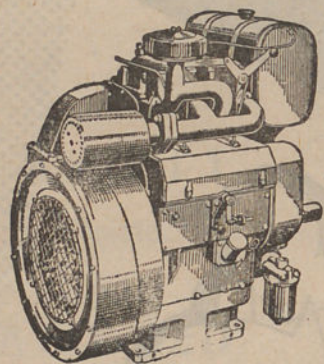
PORTO

COIMBRA

GAZETA das ALDEIAS

(401)

# Motores Diesel



# RUSTON

OS MELHORES PARA ACCIONAMENTO DE  
LUGARES DE AZEITE, MORGENS, DEBULHADORAS, BOMBAS, ETC.  
REDUZIDO CONSUMO — ROBUSTOS — ARREFECIDOS  
POR AR OU ÁGUA

**FACILIDADES DE PAGAMENTO**

**HARKER, SUMNER & C.<sup>a</sup>, L.<sup>da</sup>**

PORTO — 38, R. de Ceuta, 48 14, L. do Corpo Santo, 18 — LISBOA

3074

## AO SERVIÇO

## DA LAVOURA



às vossas ordens



3685



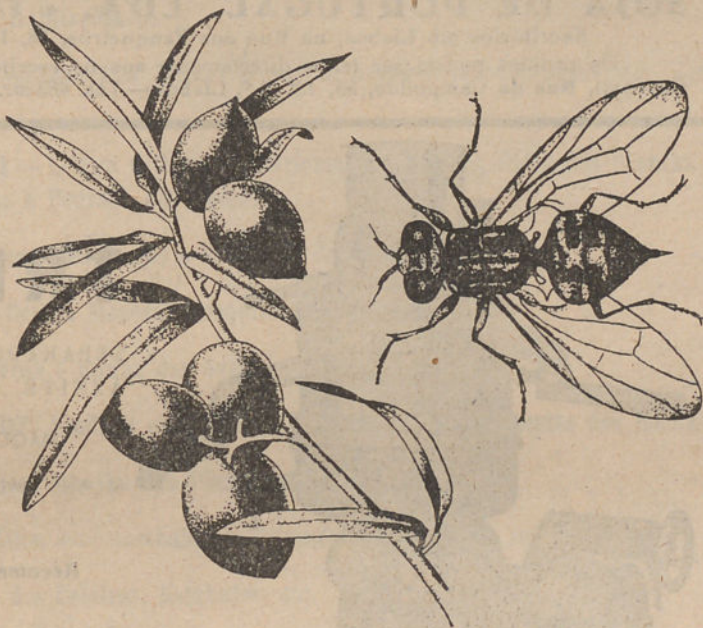
# Lebaycid®

Mais um novo  
INSECTICIDA  
que a



oferece à LAVOURA

Este destina-se a combater  
a MOSCA DA AZEITONA  
e suas LARVAS



É um PRODUTO de elevado poder insecticida e de longa duração,  
podendo calcular-se em cerca de 2 meses

Em condições normais, bastará um só tratamento para evitar que as vossas AZEITONAS, tanto as que se destinam à CONSERVA como as destinadas à EXTRACÇÃO DO AZEITE, sejam alvo de todos os inconvenientes resultantes do ataque da referida PRAGA



«BAYER» Secção Agrícola—Leverkusen—Alemanha

Representantes para Portugal:

S. A. R. L. Quimicor—Secção Agrícola  
Rua Sociedade Farmacêutica, 3—LISBOA

3064

## À lavoura em geral e aos criadores de gado em especial

O sucesso que têm obtido os alimentos concentrados SOJAGADO é já hoje indiscutível  
Todos os Grémios da Lavoura nos têm manifestado o apreciável valor da SOJAGADO

SOJAGADO N.º 1 — para vacas leiteiras  
SOJAGADO N.º 2 — para gado vacuum em geral  
SOJAGADO N.º 3 — para porcos  
SOJAGADO N.º 4 — para aves e galináceos  
SOJAGADO N.º 5 — para aves até 8 semanas

SOJAGERME — Proteínas + Gordura 36% (este para desdobramento e composição de rações)

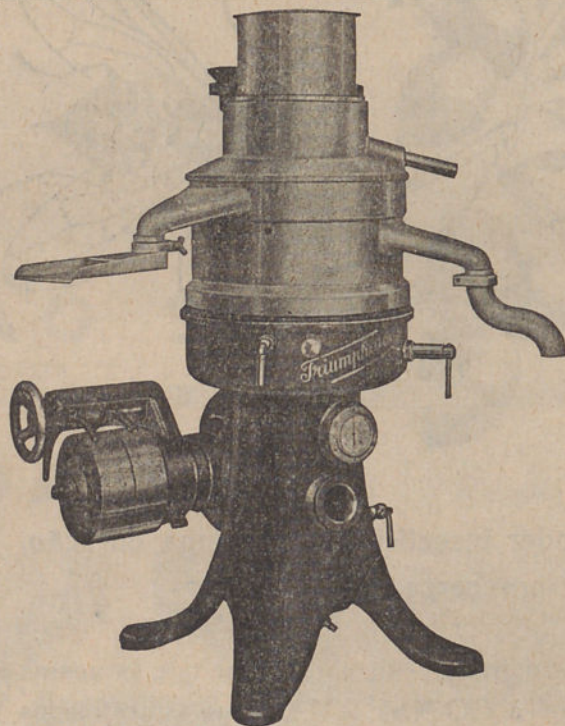
SOJA PURA EXTRACTADA

Não engane o seu gado com alimentos pobres porque se engana a si próprio

**SOJA DE PORTUGAL, LDA.** \* FÁBRICAS EM OVAR — Telef. 63

Escritórios em Lisboa, na Rua dos Fanqueiros, 38, 1.º — Telef. 23830 e 27806

Os pedidos podem ser feitos directamente aos n/ escritórios ou ao Sr. António Câmara  
Cordovil, Rua de Campolide, 55, 1.º, dt.º, Lisboa — Tel. 685262.



## TRIOMPHE

SEPARADORA-CLARIFICADORA PARA  
AZEITE E CALDAS OLEAGINOSAS

MÁQUINA SUÍÇA DE PRECISÃO

O mais aperfeiçoado, simplificado e moderno dos  
diversos tipos existentes

Recomendada para lagares de azeite

DIVULGADA POR TODO O PAÍS

Exposição e Vendas:

Av. Almirante Reis, 80-B a 80-E

Telefs.: 52360 - 53135 - 55354

LISBOA

**Sociedade Industrial Agro-Reparadora, L.da**

NOVIDADES \* UTILIDADES

— mandarim —

PORCELANAS \* CRISTAIS \* FAIANÇAS

Lisboa — 141-R. Augusta-145—Telef. 22407 (PBX)

Porto — 12-Santa Catarina-20 — Telef. 27239

O Caminho de Ferro  
é o transporte ideal, pois  
é seguro, rápido, prá-  
tico e económico.

**Alguns Produtos**



**ao Serviço da Lavoura**

**Dedetoxil, Lin-Toxil** (em pó e em líquido), **Lintal** e **B H C Irpal** (à base de DDT-Lindane-DDT e Lindane-I-ómero Gama, respectivamente) — Contra o Escaravelho da Batateira, Insectos da Vinha, Insectos das Hortas e Pomares, etc.

**Clor-Pal** (à base de Clordane) — Contra a Formiga Argentina, parasitas das Hortas e Pomares, parasitas dos Animais e das Habitações.

**Cobre Irpal** e **Cuprion** — Contra o Mildio e outras doenças criptogâmicas das Vinhas, Batatas, etc.

**Enxofre Molhável Irpal** — Contra o Oídio e Acarioses das Vinhas, Oídio das Plantas Hortícolas e Ornamentais e Oídio e Pedrado dos Pomares.

**Cuprifer** — Desinfectante de sementes a seco e excitador da germinação

**E. B. 25** (emulsão base) — Contra Moscas, Mosquitos, Traças, etc.

**X L 55 Irpal** — Contra Carraças e Ronha das ovelhas, etc.

**Lin-Tal-Clor** (à base de DDT, Lindane e Clordane) — Contra todos os Insectos das Habitações.

**Afitox** — No combate aos Afídeos (Piolho das Plantas), Melas, etc.

**Larvan** — Na luta anti-sezonática e no combate ao Chirónemo (Lagarta da raiz do arroz).

**Acridion** — Para desinfecção dos Celeiros, Estábulos, etc.

**Acridion de Inverno** (emulsão de óleo antracénico) — Tratamentos de Inverno de Pomares, Vinhas, etc.

**Olidion de Verão** e **Olidion de Inverno** — Contra Cochonilhas, Fumaginas, Icéria, etc.

**Ervatox** (E-bicida), **Abonor** (Estercolizador), **Cresilion** (Desinfectante de uso geral), **Cuproxil** e **Carbolínio** (Conservadores de madeiras), **A-Mur** (Raticida bio-químico), etc.

**IRPAL É MARCA DE QUALIDADE**

Dirigir pedidos e solicitar informações a:

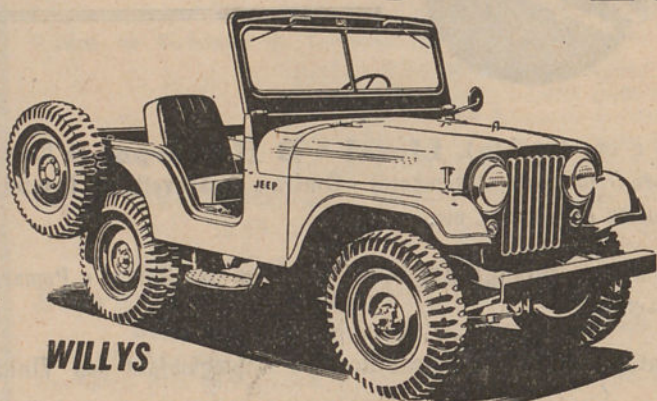
**IRPAL**

1970

Indústrias Reunidas de Produtos para a Agricultura (S. A. R. L.)

Travessa do Almada, 20-2.º-Esq. — LISBOA — Tel.: 31167/31168

# Jeep<sup>®</sup>



**WILLYS**

O VEÍCULO PARA  
 TODO-TERRENO  
 CONSTRUÍDO EM  
 MAIOR NÚMERO  
 EM TODO O  
 MUNDO E PREFE-  
 RIDO PARA TO-  
 DOS OS SERVI-  
 ÇOS, DEVIDO À  
 SUA INCOMPA-  
 RÁVEL RESIS-  
 TÊNCIA E VER-  
 SATILIDADE DE  
 APLICAÇÃO

ÚNICOS REPRESENTANTES E DISTRIBUIDORES GERAIS  
**IMPORTAÇÃO E COMÉRCIO DE AUTOMÓVEIS, LDA.**

**( I C A L )**

Avenida da Liberdade, 35-1.º — LISBOA

3427

O MELHOR CAFÉ  
 É O DA

**BRASILEIRA**

61, Rua Sá da Bandeira, 91

Telefones, 27146, 27147 e 27148 — PORTO

(Envia-se para toda a parte)

2854

**PARA AS GALINHAS**

USAR o conhecido **DESINFECTANTE ZAP**  
 ENÉRGICO, ACTIVO, EFICAZ

Aplica-se nos bebedouros das aves e é **INOFENSIVO** para  
 os animais domésticos

Com o desinfectante ZAP as galinhas não se contaminam

Frasco pequeno . 12\$50 \* Frasco grande . 50\$00

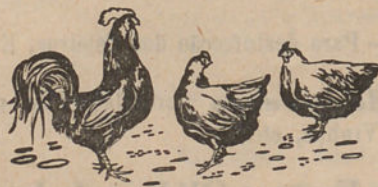
Vende-se em todas as farmácias, drogarias, aviários, etc.

DISTRIBUIDORES  
 GERAIS:

**Vicente Ribeiro  
 & C.ª**

R. dos Fanquei-  
 ros, 84, 1.º, Dt.º

LISBOA



2862

**SEMENTES**

VER, OUVIR E CALAR... NÃO!

Veja, ouça... mas diga a toda a gente o que são e o que valem  
 as nossas sementes. *Para semear já, recomendamos:*

ALFACES - BETERRABAS DE MESA E FORRAGEM — COUVES PENCA — COUVES TRONCHUDA  
 — COUVE LOMBARDA — COUVE BRÓCULO — COUVES FLORES — REPOLHOS — CENOURAS — RABA-  
 NETES — ESPINAFRES — LUZERNA — NABOS — TREVO BRANCO, LADINO E ANÃO — TREVO  
 ENCARNADO — TREVO SPADONI — TREVO BERSIM — TREVO DA PÉRSIA — EUCALIPTOS —  
 LAWN-GRASS — RAY GRASS — ETC., ETC.

E TODAS AS VARIEDADES DE FLORES DE SEMENTE E BOLBOS

Se desajaz semear e colher... prefira as sementes que, com todo o escriptulo, lhe fornec

**A «SEMENTEIRA» de Alípio Dias & Irmão**

Rua Mouzinho da Silveira, 178 — Telef.: 37578 e 33715 — PORTO

Catálogo Ilustrado — Em distribuição grátis



1862

# Distribuidores de Adubos

(Patente registada N.º 34753)



**Os mais perfeitos, económicos e de maior rendimento**

MONTAGEM FÁCIL NO LEVANTADOR  
HIDRÁULICO DE QUALQUER TRACTOR

Todas as engrenagens trabalham em banho de óleo, e devidamente isoladas das poeiras

CAPACIDADE DE  
ESPALHAMENTO

Superfosfato granulado até 10 metros

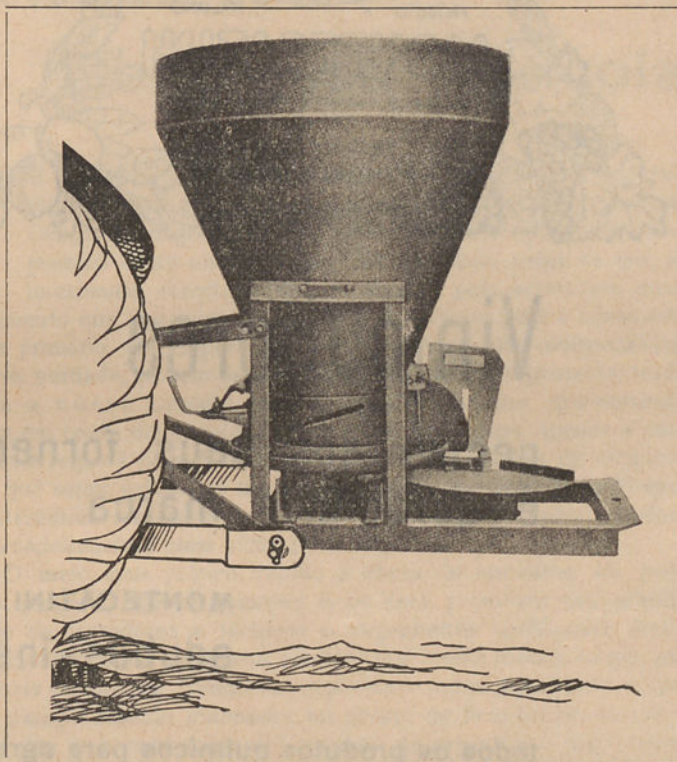
Fertilizantes em pó . até 6 metros

Nitrato de cal . . até 8 metros

Cal em pó . . . até 4 metros

Utilizando adubos em pó,  
o dispositivo de cortinas «NM»  
evita que o pó mais fino seja  
levado pelo vento.

O ESPALHAMENTO É TÃO  
PERFEITO QUE MUITOS  
SRS. LAVRADORES OS UTILIZARAM  
COMO SEMEADORES, COM OS  
MAIS LISONJEIROS RESULTADOS.



Representantes exclusivos para Portugal e Províncias Ultramarinas:

**O. L. I. V. E. R.**

3695

Organização Lusitana de Importações, Vendas e Representações, Lda.

60-A a 60-C Alameda D. Afonso Henriques

End. Telegráfico: «Tracoliver»

L I S B O A

Telefones: 72 51 33 e 72 51 34

GAZETA das ALDEIAS

(407)

# ácido tartárico italiano Montecatini

“antiga marca appula”



## Vinicultores

peçam aos seus fornecedores esta antiga  
e acreditada marca

**MONTECATINI S. G. Milano Itália**  
**adubos - insecticidas - fungicidas**

todos os produtos químicos para agricultura e indústria

---

Agente

**EMANUELE BARABINO**

Rua da Prata, 93-2.º esq. - LISBOA

# Gazeta das Aldeias

Fundado por *Júlio Gama*

REVISTA QUINZENAL DE PROPAGANDA AGRÍCOLA

DIRECTOR

LUÍS GAMA

Engenheiro Civil de Obras Públicas e Minas [U. P.]

EDITOR JOAQUIM A. DE CARVALHO

Propriedade da Gazeta das Aldeias (S. A. R. L.) \* Redacção e Administração: Av. dos Aliados, 66 - PORTO  
Telegramas: GAZETA DAS ALDEIAS - PORTO \* Telefones: 25651 e 25652Composto e impresso na TIPOGRAFIA MENDONÇA (Propriedade da GAZETA DAS ALDEIAS)  
Rua Jorge Viterbo Ferreira, 12-2.º - PORTO

## SUMÁRIO

Vai realizar-se um Congresso Agrícola . . . . .	721
Crónica — Prof. Mário de Azevedo Gomes . . . . .	722
Alguns aspectos da Cinegética em França — Prof. C. M. Baeta Neves . . . . .	725
A Região de Lafões — Aspecto vitivinícola — eng. agrónomo Alcino Pestana . . . . .	728
«A mosca da azeitona» — eng. agrón. Augusto Rosa de Azevedo	753
Calendário do lavrador . . . . .	736
Problemas de Viticultura — Características culturais dos porta-enxertos e factores determinantes da sua escolha. O caso português — eng. agrónomo Alfredo Baptista	738
Calendário apícola . . . . .	741
O aprovisionamento artificial das abelhas — eng. agrónomo Vasco Correia Paizão . . . . .	742
Um novo aparelho para medir a altura das árvores — engs. agrónomos A. Pinto Elyseu e L. Toulson . . . . .	744
Quem aproveita, ganha! — eng. agrónomo Luís Fialho . . . . .	749
Uma reunião no Grémio da Lavoura da Região de Alcobaça . . . . .	750
Secção Feminina . . . . .	751
SERVIÇO DE CONSULTAS	
— Agricultura . . . . .	753
— Viticultura . . . . .	754
— Patologia vegetal . . . . .	754
— Direito rural . . . . .	755
Informações . . . . .	757
Intermediário dos lavradores . . . . .	759

## A NOSSA CAPA

Mostra-nos a gravura uma encantadora paisagem algarvia, formada exclusivamente por amendoeiras em flor.

O deslumbrante espectáculo, muito comum no Algarve, atrai àquela nossa Província, na época própria, inúmeros turistas.

(Fotografia gentilmente cedida pela Direcção-Geral dos Serviços Agrícolas).

## ASSINATURAS

Ano . . . . .	100\$00
Semestre . . . . .	55\$00
Número avulso . . . . .	5\$00
Estrangeiro (Excepto Espanha) — mais . . . . .	50 %

## Vai realizar-se um Congresso Agrícola

**P**OR iniciativa louvável da Corporação da Lavoura — louvável, sob todos os aspectos — vai realizar-se no próximo ano um Congresso Agrícola. E se, desde há muito, se impunha uma reunião desta ordem, a que concorressem todos os que se interessam, directa e indirectamente, pela actividade rural, no momento que atravessamos, cheio de incertezas para a nossa actividade primária, ela é, pode dizer-se, absolutamente indispensável.

Na verdade, podem os problemas que, na hora presente, tanto afligem a nossa Lavoura admitir soluções isoladas, que somente tenham em conta um ou outro produto ou interessem apenas a esta ou àquela região? Não, por certo, pois apenas soluções de conjunto — em que sejam estudados nos seus múltiplos aspectos os problemas que interessam à indústria rural e à região onde se exerce — podem ser verdadeiramente úteis à colectividade.

O meio mais prático, rápido e eficaz de encontrar ou, pelo menos, preparar aquelas soluções é, ou será, promover uma grande reunião de lavradores e técnicos — engenheiros agrónomos, engenheiros silvicultores e médicos veterinários. Nessa reunião — que não seria mais de que um Congresso Agrícola — todos, lavradores e técnicos, patrioticamente irmanados no desejo de Bem Servir, dariam o melhor dos seus conhecimentos e saber, de experiência feito; nessa reunião, repetimos, estabelecer-se-ia o melhor meio de modificar, com segurança e para bem de todos os portugueses, a situação difícil, ou melhor dizendo, angustiante, em que a Lavoura se debate.

Há muitos e muitos anos que estas páginas vêm pugnando pela realização de um Congresso Agrícola, que desde longe consideramos necessário, porque os congressos, ao contrário do que muitos julgam, são reuniões de incontestável vantagem e das quais sempre alguma coisa de verdadeiramente útil resulta para a grei.

Graças aos esforços e tenacidade da Corporação da Lavoura, vai realizar-se no próximo ano um Congresso Agrícola. Estamos, todos nós, de parabéns.

Visado pela Comissão de Censura



# Crónica

Pelo Professor MÁRIO DE AZEVEDO GOMES

**P**ARECE-ME da maior oportunidade referir aqui, enquanto vai seguindo seu curso a execução do programa das comemorações henriquinas, o apelo que se encerra no último número do Boletim Informativo da Liga para a Protecção da Natureza no sentido da conservação dos aspectos naturais para a zona histórica Sagres—S. Vicente. Está o leitor familiarizado com a existência e intuitos daquela Liga através da insistente propaganda aqui mesmo feita pelo Prof. C. M. Baeta Neves, um dos seus fundadores e propagador entusiasta dos objectivos em vista.

Assinam o apelo em questão dois professores da Faculdade de Ciências, representando a Botânica e a Zoologia no quadro docente, os professores Carlos Tavares e G. F. Sacarrão e fazem-no a partir de estudos de flora e fauna detalhados numa monografia cheia de interesse a que não faltam algumas ilustrações muito elucidativas acerca do raro ambiente que ali se regista e até — ao reproduzir certas «queimadas» — dos sérios riscos a que fica sujeito.

O problema que se põe é o da «urgência na protecção do Promontório de Sagres—S. Vicente». Palavras dos autores em suas *conclusões*: «É uma área, como vimos, particularmente privilegiada sob vários aspectos, com relevância da sua riqueza botânica e ornitológica, em que futuras investigações revelarão, por certo, novos dados de valor científico, quer nestes quer noutros aspectos. Como área de migração atrai a nossa atenção e a de outros países europeus cuja fauna transita largamente por Sagres—S. Vicente. O seu valor botânico é bem conhecido e apreciado mesmo fora das nossas fronteiras...». E, logo adiante, acrescentam: «Como é uma região isolada e de caracteres ecológicos especiais que não suscitam interesses ponderosos de exploração agrícola e industrial, poderia, à primeira vista, pensar-se que a sua conservação estaria assegurada. Mas não é assim. A interferência zoóantropogénea está a operar a sua progressiva destruição e temos fortes razões para crer que se não forem promulgadas medidas enérgicas e urgentes de protecção, em futuro próximo pouco restará dos seus preciosos endemismos vegetais e outras «taxa» de



especial relevo biogeográfico. A destruição da vegetação seguir-se-á inexoravelmente o aniquilamento da fauna, a cujas ligações íntimas já nos referimos noutra lugar». Segue a demonstração dos perigos iminentes, o quadro da destruição à vista: «o fenómeno está em curso por diversos modos. O pascigo na área (porcos, carneiros, etc.) e as queimadas vão destruindo a cobertura vegetal.

A venda de terrenos prossegue e vêem-se, nesse sentido, tabuletas anunciadoras junto à estrada. Já existem algumas edificações particulares que são apenas o começo de uma invasão urbanística que rapidamente subverterá tudo o que de valor biológico encerra esta curiosa região.

Seguir-se-ão os arruamentos, as obras de arte, e toda a sorte de introduções humanas; ao fim nada restará do que é nativo e original.

Também a actividade da caça legal ou furtiva (inclusive passarinheiros), além das destruições que pratica, introduz forte perturbação no conjunto da fauna residente e migradora. A acção dos passarinheiros apesar da letra coerciva da lei (que proíbe a venda de peças nos estabelecimentos de repasto) exerce-se próspera por todo o Algarve e é particularmente intensa no periodo da migração em Sagres — S. Vicente e no resto da provincia».

Uma última transcrição, a do fecho deste estudo: «No nosso Pais não são muitas as áreas, como esta, em que às razões de ordem estética e cultural, de salvaguarda do património natural pátrio, se junta o interesse científico. Mas no caso de Sagres—S. Vicente outro motivo há que lhe confere um carácter único: o de ser o ambiente intimamente ligado a um passado brilhante da nossa Pátria. Com o seu clima, a sua flora e a sua fauna evoca-nos o ambiente tão *sui generis* em que decorreram as meditações do Infante D. Henrique. É, por isso, de todos o dever de pugnar pela sua protecção».

Depois de tão larga transcrição que mais posso acrescentar, por minha parte? O juízo critico que me permito fazer é de que esta intervenção, com que deve sentir-se honrada a secção biológica da Universidade, recebe adequado enquadramento no referido plano das comemorações henriquinas. Trata-se, por assim dizer, da defesa do património do Infante — que é património da Nação — naquilo que diz justamente respeito à *posição*, tão fortemente evocativa, em que se fixa por tradição, na costa brava desse movimentado litoral algarvio, a «Escola de Sagres» de célebre memória.

Pelos mesmos superiores motivos com que se guardam, nos países mais cultos, em atmosfera do maior respeito e com profunda compreensão popular, as residências e o ambiente de trabalho de alguns dos eminentes vultos que legaram à Humanidade obra imorredoura, são de guardar à vista das sucessivas gerações de portugueses as condições ambientais do histórico promontório, respeitando nelas a grandeza que lhes transmitem, face ao mar sem fim, a braveza e o isolamento, forja magnífica dos temperamentos viris e das almas fortes.

Aquela avançada iminente do casario urbanístico, sob a atracção do pitoresco, causa na verdade arrepios; e mais ainda que as «queimadas» dos pastores ignaros, assume aspectos de afronta a esse património que deverá ter-se como sagrado.

Se esta é a reacção natural de simples português, que ama a sua terra e lhe respeita a História no que possa ter de nobre e elevado — tais as iniciativas henriquinas dos descobrimentos — também a reacção do professor que fui, ligado, embora

por outras vias, ao sector biológico a que pertencem os professores Tavares e Sacarrão, me conduz a aplaudir aqui os esforços que desenvolvem no sentido da conservação florística e faunística da região em causa.

Além de que são relativamente numerosas (para a pequenez da área) as espécies botânicas registadas como endémicas e de que no quadro das associações vegetais (sobretudo estudado pelo botânico alemão Rothmaler) se nos revelam conjuntos do maior interesse geo-botânico, como salienta o Prof. Carlos Tavares, a área referida «constitui local privilegiado para a análise dos problemas relativos à economia da água nos xerófitos». Quer dizer: o problema, de tão grandes repercussões para a nossa própria cultura, de analisar de perto os processos naturais da *resistência à secura*, qualidade inestimável para boa parte do agro português, tem aqui um bom campo para estudiosos e investigadores.

Pelo que, finalmente, à fauna respeita, apesar de por sua vez, o Prof. Sacarrão considerar «o conhecimento da composição faunística local como extremamente precário» há na sua mesma opinião que abrir largo crédito ao interesse dos estudos próprios «em razão do carácter sui-generis de Sagres—S. Vicente no que se refere ao complexo solo-vegetação-clima». Em um capítulo desta parte do trabalho «esboço sobre as inter-relações nutritivas das comunidades bióticas locais» está apresentado o esquema dessas relações flora-fauna que usam dar — e aqui dão mais uma vez — aos que professam o culto da Natureza as mais sábias lições e por vezes oferecem a maior surpresa e novidade.

O autor, sobretudo, acentua nesta parte da monografia que resolvi, se para isso tenho autoridade, recomendar aos leitores da *Gazeta* a riqueza ornitológica da região — que aliás é uma boa amostra da avi-fauna algarvia, diferente da do resto do País.

Decididamente, o apelo que é feito, pode dizer-se, a todos os portugueses, a começar — como é natural — pelos mais responsáveis, carece de ser ouvido.

A região Sagres—S. Vicente merece que a considerem um caso à parte, de modo a receber cuidados de conservação e defesa à altura do seu grande interesse, quer histórico quer científico hodierno, no quadro do nosso património natural.



# Alguns aspectos da Cinegética em França

PELO PROFESSOR  
C. M. BAETA NEVES

**A**PESAR de já ter passado quase um ano sobre a minha visita a França, estou convencido que mesmo assim não perderam oportunidade as informações que posso transmitir ao leitor sobre a Cinegética naquele país.

Encarregado da regência do curso semestral respectivo no Instituto Superior de Agronomia, curso que engloba também a Aquicultura, dada a impossibilidade de apresentar a matéria correspondente às duas especialidades em tão curto espaço de tempo, tenho sacrificado a última a favor da primeira.

Pareceu-me que era esta a melhor solução, uma vez que a Cinegética tinha sido sempre prejudicada e, ao contrário, a Aquicultura foi sempre favorecida.

Mas para se conseguir resolver de vez o problema só há uma solução: separar os dois assuntos em duas cadeiras distintas, de preferência anuais, e destinar-lhes pelo menos um professor privado.

Pensando-se numa reforma dos cursos do Instituto Superior de Agronomia, a oportunidade para essa transformação pode estar próxima, se a sugestão for aceite por aqueles de quem dependa a organização da primeira.

Entretanto, na situação actual e perante as responsabilidades que, consequentemente, me cabem, aproveitando a ida a Inglaterra em Agosto do ano passado, propus-me, no regresso, visitar em França algumas das suas instituições dedicadas ao ensino, investigação e actividade técnica, no campo das duas especialidades.

A visita foi rápida e não me permitiu ir além de um primeiro contacto, como que a preparar terreno para estadias posteriores de alunos ou colegas, que venham a querer aproveitar as facilidades oferecidas para praticarem nas tarefas a que se dedicam as entidades visitadas.

Do que vi e ouvi em relação à Cine-

gética irei dar ao leitor um breve resumo, embora um tanto tardiamente, mas ainda a tempo, penso eu.

Em Nancy, na «École Nationale des Eaux et Forêts», o ensino da Cinegética é feito numa cadeira privativa, de cuja regência está encarregado o Engenheiro Silvicultor Prof. Vidron, do Conselho Superior de Caça e Director das caçadas presidenciais; este, ainda que vivendo em Paris, vai a Nancy dar as aulas, durante o período correspondente. E como na altura em que visitei a Escola não estivesse, guardei para mais tarde, quando visitasse a capital, o desejado encontro.

O programa da sua cadeira, que mais tarde me forneceu, está dividido em 12 partes: 1) *A fauna cinegética da planície*, 2) *Ordenamento cinegético da planície*, 3) *Exploração racional e valorização da cinegética da planície*, 4) *A fauna cinegética da floresta*, 5) *Ordenamento cinegético da floresta*, 6) *Exploração racional e valorização da cinegética da floresta*, 7) *A fauna cinegética da montanha*, 8) *A fauna cinegética e os animais depredadores da África do Norte*, 9) *A fauna cinegética aquática*, 10) *As reservas de caça*, 11) *O tiro e as armas de caça e* 12) *Organização administrativa da caça em França*.

O meu programa é bastante diferente deste outro; praticamente, eu só tenho dado Ecologia, Sistemática da Fauna Cinegética e Protecção da Natureza. Além de não ter tido ainda tempo de organizar o curso como julgo preferível, faltam-me elementos que me permitam dar à exposição a fazer o cunho nacional que é indispensável.

Perante a ausência completa de estudos de Zoologia a propósito realizados entre nós, com excepção da Sistemática, e não querendo, de forma nenhuma, basear-me nas informações de livros estrangeiros,

quando estes são de natureza ecológica, diferente como é a nossa fauna cinegética e as condições em que vive, pouco mais posso fazer além de apresentar generalidades.

É por isso que eu tantas vezes tenho insistido para se organizar a investigação a propósito, em íntima colaboração com os diplomados em Biológicas, sem o que não é possível dar ao ensino a orientação que convém, e intervir eficientemente na solução dos problemas da caça, problemas tão insistentemente discutidos por amadores, mais ou menos ignorantes em relação aos seus fundamentos científicos.

E chega a confranger as barbaridades que se ouvem e lêem, às vezes da autoria das maiores sumidades na matéria, no conceito público, sem embargo do interesse de algumas informações manifestamente úteis, embora nem sempre com o valor que lhe é atribuído, nomeadamente por falta de conhecimentos científicos que permitam a sua justa interpretação.

Recebido em Paris pelo Prof. Vidron, combinei com este a visita a Vaux de Cerney, local onde existe um centro experimental e um parque de caça, e aos parques de Rambouillet e de Chambord.

Em Vaux de Cerney tive oportunidade de ver as instalações onde é feita a cultura de perdizes (vermelha e cinzenta) e

codornizes americanas (da Virgínia e da Califórnia), empregadas nos repovoamentos de regiões onde a fauna cinegética está praticamente esgotada.

Tal tarefa está longe de ser fácil; além das dificuldades com o tipo de gaiolas, têm surgido problemas com doenças, naquela altura ainda sem solução prática.

Visitei também ali o parque onde é feita a cultura em grande escala de faisões.

Em Rambouillet, onde se realizam as caçadas presidenciais, a fauna cinegética era constituída por faisões (cerca de 8.000), corças (70), veados japoneses (100), lebres e coelhos, estes últimos numa excepcional abundância.

O parque está desde há muito preparado para as caçadas aos faisões, para o que tem uma parte que lhe é exclusivamente destinada; e estes são tão abundantes que se vêem com a maior facilidade.

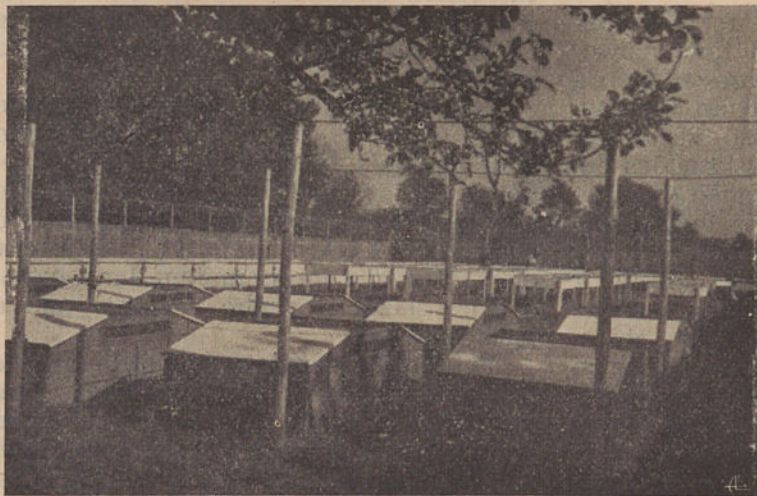
Os veados japoneses são descendentes de um casal que foi oferecido ao Presidente Carnot, quando este visitou o Japão em 1890; ali se têm mantido e reproduzido, não sendo difícil vê-los, percorrendo a área do parque onde vivem.

Todos os anos se repetem em Rambouillet as caçadas oferecidas pelo Presidente da República, dependendo a sua organização do Prof. Vidron, com a colaboração do Engenheiro Silvicultor, Administrador florestal, residente no parque.

Em Chambord, nos arredores de Blois, nos 5.000 hectares de floresta que rodeiam o célebre castelo, existe uma outra reserva de caça e instalações para cultura de algumas espécies cinegéticas.

Além dos faisões que também são ali cultivados, existiam javalis (cerca de 300), corças (cerca de 100), veados (cerca de 400) e moflões da Córsega (30). Estes últimos, de origem exótica, estavam limitados a uma área vedada de

Diversos tipos de gaiolas para cultura de perdizes e codornizes (Vaux de Cerney)



30 hectares; facilmente se deixam observar, passando despreocupadamente.

Interessando-me especialmente o problema dos prejuízos causados no arvoredo pelos cervídeos, cuja introdução nas matas do Estado tenho insistentemente defendido, procurei indagar o que se passava em França a esse propósito.

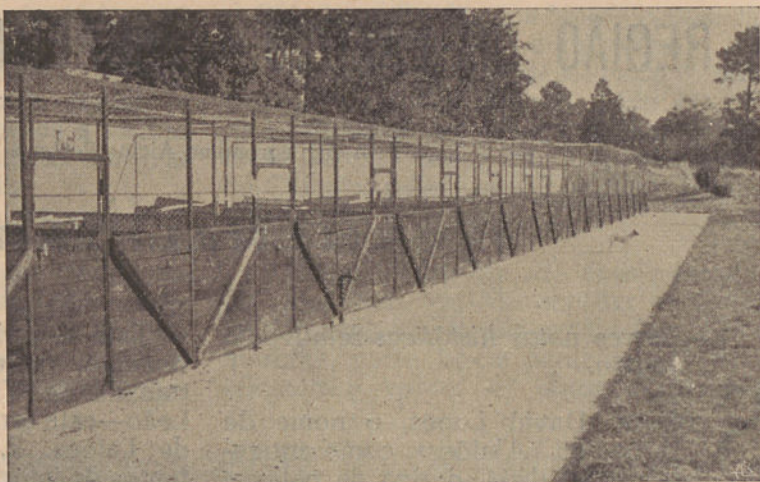
Já numa floresta em Haguenau (arredores de Strasburgo), onde existem esses animais, tinha tido ocasião de observar os cuidados que eram precisos para defender os viveiros e os nascidos da sua acção nociva; aliás, uma defesa com rede de arame, com a altura suficiente, resolve o problema.

Mas em Chambord tive ocasião de ver os resultados de um ensaio feito com o fim de verificar qual a diferença da regeneração natural da floresta de carvalhos, com ou sem a presença de cervídeos. Os resultados eram evidentes; dentro da área defendida com rede, a vegetação era quase impenetrável, com grande abundância de pequenos carvalhos, e fora dela estes não só quase não existiam como a vegetação era muitíssimo mais pobre.

Mesmo assim não me parece que fique demonstrada impossibilidade de serem introduzidos gamos e veados na Mata de Leiria, por exemplo; as condições de meio são outras, o tipo de floresta completamente diferente. O problema está, essencialmente, no equilíbrio entre a população de cervídeos existentes, a área que ocupam e a vitalidade da floresta. É mais um problema a estudar, como praticamente tudo quanto diz respeito à caça em Portugal.

Por aqui ficaram as minhas visitas a instalações da cinegética em França; não tive tempo para mais, dividida como tinha a rápida passagem por aquele país, pela Cinegética e pela Aquicultura.

Foi um primeiro contacto, a abrir ca-



Gaiolas para faisões (Chambord)

minho para estadias mais prolongadas, nomeadamente daqueles que possam dedicar-se só a essa especialidade florestal.

Das informações obtidas, quer através de conversas e de visitas, quer da leitura da bibliografia oferecida, pode facilmente concluir-se que a Cinegética em França está a ser encarada com o fundamento científico indispensável. Naturalmente que também ali há milhares de caçadores e, conseqüentemente, problemas muito complexos no sentido de limitar a sua acção e de satisfazer as suas necessidades e ambições: mas quem orienta de facto a Cinegética são os Serviços Florestais e o Conselho Superior da Caça, onde existem Engenheiros Silvicultores especializados, que se dedicam exclusivamente ao seu estudo.

E embora as coisas em França não estejam modelarmente montadas, quem nos dera termos já atingido o seu nível; infelizmente para nós, ainda estamos na fase do amadorismo, de que não será fácil sair enquanto se não organizar o ensino e a investigação em moldes que permitam a eficiente preparação e actividade dos Biologistas e Engenheiros Silvicultores, de cuja colaboração depende o esclarecimento dos aspectos fundamentais dos problemas da Cinegética em Portugal, sem os quais a sua verdadeira solução nunca será possível.

Fotografias do autor

# A REGIÃO DE LAFÕES — ASPECTO VITIVINÍCOLA

Pelo eng. agrónomo Alcino Pestana

## I—GENERALIDADES

### 1—*Breves notas históricas relativas à Região.*

**S**EGUNDO David Lopes, o nome de Lafões ou «Alafões», como antigamente se dizia, deriva da palavra árabe «Alafum» que significa «os dois irmãos», designação possivelmente aplicada de início aos montes parceiros Lafão

Está todavia comprovado, mais seguramente, que em 1030—27 anos antes da tomada de Viseu, por D. Fernando de Leão—este território tinha já aquele nome, de Lafões. E, por outro lado, diversas fontes de informação atestam que a actual circunscricção das Termas de S. Pedro do Sul corresponde às antigas «Caldas de Lafões», cujas águas termais foram utili-



Um trecho da  
Região de Lafões  
visto do  
Monte Castelo  
para Norte

Ao fundo vê-se  
uma parte da  
Serra da Gralheira

(601 m) e Castelo (538 m) que constituem a terminação setentrional da serra do Caramulo. Se admitirmos esta asserção como verdadeira, teremos de aceitar como muito remota a origem do termo, o qual teria surgido assim no sentido restricto, antes de generalizado a uma zona muito mais vasta — a Região de Lafões — dominada quase por completo do cimo do monte do Castelo.

zadas por D. Afonso Henriques e seus filhos, em Setembro de 1169.

Sabe-se também que D. Dinis concedeu foral a Lafões em 1280, e D. Manuel concedeu-lhe foral novo em 1514.

O concelho de Lafões, ao qual já correspondia uma área bem definida, terá sido entretanto instituído por el-rei D. Duarte, em 13 de Maio de 1436, e com-

preendia o vasto território de 44 freguesias que só em 1834 foi repartido, pela primeira vez, em dois concelhos, separados pelo rio Vouga, ficando então as freguesias da margem esquerda a formar o concelho de Vouzela, e as da margem direita o de S. Pedro do Sul.

Depois de submetidas a diversas alterações administrativas, as mesmas freguesias distribuem-se hoje por cinco concelhos; e assim, a Região de Lafões, cuja área corresponde aproximadamente à do antigo concelho do mesmo nome, é modernamente constituída, no aspecto admi-

—951 m) que lhe ficam a Norte, e as serras do Caramulo — 1071 m e Talhadas, a Sul.

Não obstante o acidentado do terreno e pobreza do solo, a diversidade das culturas distribuídas pelas encostas dá-lhe tanta beleza, que o Dr. João de Castro, de Campia, referiu-se a Vouzela e Lafões, nos termos a seguir:

«Quem algum dia nas suas passadas de caminheiro errante abordar as terras de Vouzela, de feição acolhedora e maneirinha, certo há-de parar de enlevado encanto e volver os olhos surpreso e

Outro  
trecho da Região  
— parte Norte —  
abrangendo a  
Vila de Vouzela  
com a ponte do  
caminho de ferro  
à esquerda



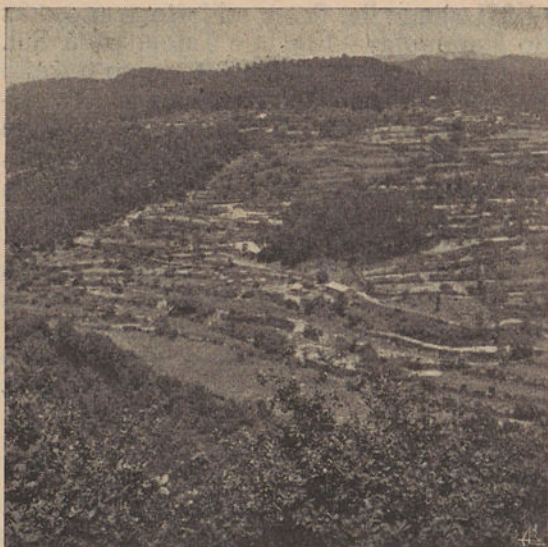
nistrativo, pela quase totalidade dos concelhos de Oliveira de Frades, Vouzela e S. Pedro do Sul e ainda por uma pequena parte dos concelhos de Viseu (parte das freguesias de Bodiosa e Ribafeita), Castro Daire (parte das freguesias de Alva e Gafanhão) e Sever do Vouga (freguesias de Cedrim e Couto Esteves).

Integrada no aglomerado de serras que o prof. Amorim Girão designou por «maciço da Gralheira», a Região fica situada em pleno coração da Beira Alta, estendendo-se ao longo do curso médio do rio Vouga, entre os contrafortes da serra do mesmo nome (serras de S. Márcio — 1053 m, Arada — 1078 m e Freita

recolhido para aquela paisagem de maravilha... Raras vezes a imponência majestosa das serras se terá combinado em tão amorável e aprazível fisionomia dos vales como nesta pequenina terra, reclinada das abas do Castelo, emoldurada de graciosas colinas...»

II — *Algumas noções relativas ao solo, clima e culturas da Região — Importância relativa da viticultura.*

A Região ocupa uma superfície de cerca de 750 km<sup>2</sup>, e parece um verdadeiro retalho do Minho, pela sua geologia, solo e clima e ainda pelas suas culturas e hábitos de cultivo.



Um trecho típico da Região — Vista do troço de estrada Vouzela-S. Pedro do Sul, para Norte

No ponto de vista geológico, não assenta integralmente na mesma mancha de terrenos arcaicos e do precâmbrico inferior que se prolonga pelo Minho, com grandes afloramentos graníticos, apenas porque abrange ainda uma pequenissima parcela da mancha do silúrico médio que, ficando situada a NE de Gafanhão, no concelho de Castro Daire, se alonga para NW, em faixa estreitissima, até ao afloramento de Valongo.

Embora o granito predomine como rocha originária de todos os solos da Região, existem excepcionalmente, no alto da serra de Freita, micaxistos e xistos luzentes com estauroлитos, numa extraordinária abundância, que se prolongam para SE pela serra da Arada e são, sem dúvida, os mesmos que aparecem em Fânzeres e Ermesinde.

Em S. Pedro do Sul e Vouzela, surgem também gneises, em muitos pontos interrompidos pelo granito, que têm perdido o carácter xistoso. Próximo desta última povoação aparece um gneis granitóide com duas micas e a N de Oliveira de Frades, na vertente do Vouga, juntamente com ele, um outro, também granitóide, mas com mica branca e um anfiboloxisto de grão muito grosseiro, com belos cristais de anfíbola.

Além disso, a E da serra de Telhadas, surge ainda um xisto luzente, donde se passa logo ao granito de duas micas, sem gneis intermédio.

De qualquer forma, porém, o granito constitui a base de formação da quase totalidade dos terrenos, cultivados ou incultos, da Região de Lafões.

As terras apresentam-se assim geralmente ligeiras, arenosas, muito soltas, pouco profundas, sem compacidade, nem tenacidade, e por isso excessivamente permeáveis ao ar e à água, tornando-se contudo mais profundas, menos permeáveis e mais férteis, nos terrenos baixos ou vales.

Mercê de abundantes estrumações e numerosas regas, as melhores destas terras são exploradas intensivamente com a cultura do milho, feijão e vinha, que se encontram muitas vezes a par de diversas culturas hortícolas, destinadas a consumo local; mas as terras mais delgadas são também susceptíveis de aproveitamento, através de múltiplas espécies florestais, espalhadas por toda a Região.

Pobres em fósforo e praticamente isentas de cal, estas terras carecem sempre de adubações e correcções abundantes, de que aliás raras vezes beneficiam; apresentam por isso PH baixo, vizinho de 4,5 e revelam-se muitas vezes incapazes de produzir satisfatoriamente.

O clima húmido da Região favorece entretanto o desenvolvimento das culturas, nomeadamente pela abundância de chuvas invernais, às quais se deve o abastecimento das fontes e nascentes que, dispersas por toda a parte, ajudam a suprir no estio, através das regas, as necessidades de quantidades elevadissimas de água, exigidas pelas plantas. Contudo, a humidade relativa do ar, conservando-se elevada mesmo no Verão, origina frequentes nevoeiros matinais e é-lhes muito favorável.

Em S. Pedro do Sul, as quedas pluviométricas anuais atingem cerca de 1,500m, variando entretanto as temperaturas médias de 1,1°C a 30°C, com máximas absolutas de 37,4°C e mínimas absolutas de -4,7°C, como pode observar-se no quadro a seguir:



QUADRO I

Posto meteorológico de S. Pedro do Sul (período 1949/58)

Meses	Temp. média		Méd. absolutas		Humidade relativa %	Chuva total (mm.)
	Máx.	Mín.	Máx.	Mín.		
Janeiro . .	13,4	1.1	19,0	- 4.7	92.8	117.8
Fevereiro .	14,6	2.0	19,9	- 3.8	91.2	136.6
Março . . .	18,0	4.5	24,4	- 1.3	88.1	219.8
Abril . . . .	20,2	5.4	27,2	0.9	80.6	76.4
Maió . . . .	23,5	8.7	30,4	3.6	78.7	99.7
Junho . . . .	26,5	10.9	34,7	6.6	73.6	43.3
Julho . . . .	30,0	11.7	37,4	7.7	73.7	10.0
Agosto . . .	29,9	11.7	36,8	8.0	74.1	24.9
Setembro . .	27,3	10.4	31,0	5.9	81.2	34.1
Outubro . .	23,0	7.3	29,2	- 1.3	85.2	52.2
Novembro .	17,7	2.2	22,3	- 2.6	90.5	133.0
Dezembro .	15,3	1.6	19,3	- 3.7	91.8	72.1
Ano	21,4	6.5	37,4	- 4.7	83.5	1.472.7

Assim, possuindo terrenos da mesma origem e de constituição semelhante aos do Minho, e clima também húmido, a Região de Lafões, onde a propriedade está igualmente muito dividida e o trabalho predomina sobre o capital, surge naturalmente com o mesmo fâcies agrícola daquela Província: os mesmos produtos agrícolas, sobre solos de características agrológicas idênticas, abundantemente regados pelas chuvas.

Apesar da escassez de elementos de informação, poderá admitir-se que a superfície da Região se distribui aproximadamente de acordo com o Quadro II.

Na área cultivada, e alternando com o azevém, o milho surge associado ao feijão como cultura fundamentalíssima, quer nas baixas enriquecidas de elementos finos arrastados das encostas pelas chuvas, quer nas próprias encostas, onde aproveita muitas vezes terrenos que não possuem sequer um palmo de terra arável; e, orlando os campos, em ramadas ou bardos altos, menos vezes em uveiras, as videiras acom-

panham-no sempre, ao mesmo tempo que a oliveira se dispersa, em consociação com o milho e centeio, surgindo por vezes a altitudes superiores a 700-800 metros, porventura mais aptos à cultura florestal. A batata cultiva-se entretanto nalgumas das melhores terras, sucedendo-lhe o nabal ou outras culturas hortícolas, a consumir nas próprias explorações.

Segundo elementos do Instituto Nacional de Estatística, os volumes das principais produções agrícolas foram no período 1955/57, os que constam do Quadro III.

Além doutras conclusões que podem extrair-se destes quadros, infere-se também que a vinha não tem aqui o carácter acessório que poderia atribuir-se-lhe à primeira vista. A sua interferência na economia agrícola local é, pelo contrário, uma

das mais marcadas, senão a mais marcada, como aliás ressalta, com evidência, do gráfico adiante publicado.

Todavia, como já referimos acima, os principais factores de riqueza local não se restringem aos que anunciámos, pois que, além de numerosos pés de oliveiras (131 milhares) e videiras (6,5 milhões), existem ainda muitas outras fruteiras, dispersas por todo o lado (Quadro V); e indirectamente das pastagens e dos pinhais obtêm-se também rendimentos elevados.

QUADRO II

Área planimétrica — 75.000 hectares

Total (Hect.)		Cultivada (Hect.)			
Social 5 o/o, florest. 40 o/o e inculta 25 o/o	Cultivada	Regadio	Semi-Regadio	Sequeiro	Vitícola
70 o/o da total	30 o/o da total	50 o/o da cultivada	30 o/o da cultivada	20 o/o da cultivada	
52 500	22 500	11 250	6 750	4 500	1 140

QUADRO III

Anos	Principais produções agrícolas (quintais ou hectolitros)							
	Trigo (Q)	Milho (Hl)	Cent. (Q)	Cev. (Hl)	Feijão (Hl)	Batata (Q)	Vinho (Hl)	Azeite (Hl)
1955	66	64907	6131	774	8175	52630	98632	1186
1956	95	70443	6244	495	6239	52577	69714	1310
1957	115	64238	7776	764	5423	61296	58967	1705
Médias	92	66529	6717	678	6612	55501	75771	1400

QUADRO IV

No mesmo período, 1955/57, os produtos enumerados tiveram os valores médios

Período	Valores unitários médios (em escudos)							
	Trigo (p. Q.)	Milho (p. Hl)	Cent. (p. Q.)	Cev. (p. Hl)	Feijão (p. Hl)	Batata (p. Q.)	Vinho (p. Hl)	Azeite (p. Hl)
1955/57	343	177	240	153	401	109	180	1360

QUADRO V

N.º de fruteiras existentes em 1954 (milhares de árvores)

Pess.	Ameix.	Perei.	Noguei.	Marm.	Mac.	Laranj.	Fig.	Cerej.
13	16	20	2	4	53	19	16	18

Salvo raríssimas excepções, as fruteiras beneficiam porém de uma atenção tão precária, que os respectivos produtos não conseguem interessar senão os mercados locais menos exigentes. E, se exceptuarmos o caso dos pêssegos, laranjas e cerejas, poderá mesmo dizer-se que toda a fruta se consome nas próprias explorações agrícolas, aproveitando-se os excedentes, sobretudo de maçã, para alimentação do gado suíno.

Deste modo, a fruticultura regional reveste-se dum valor pouco representativo, como fonte de rendimento. A abundância de pastagens permite entretanto uma intensiva exploração de gados, cujos efectivos são os que indicamos a seguir:

QUADRO VI

Efectivos pecuários (arrol. 1954)

Equinos	Bovinos	Ovinos	Caprinos	Suínos	Galinác.
178	1400	39370	14770	13366	64479

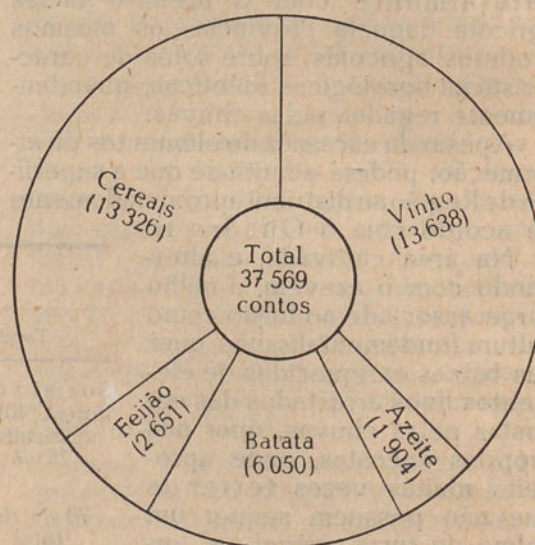
O número de exemplares da espécie bovina tende a aumentar nitidamente, mercê duma maior exploração da vaca aroquesa como produtora de leite de elevado teor em gordura.

O actual volume do produto é já apreciável e, porque a laboração da Cooperativa de Lacticínios de S.<sup>ta</sup> Cruz da Trapa (do concelho de S. Pedro do Sul), e da fábrica de Vale de Cambra, lhe garantem escoamento, representa efectivamente, com a produção da carne, uma importante fonte de receita.

Além disso, os ovinos, da raça bordaleira e tipo churro, fornecem também carne e lã em abundância.

O rendimento florestal, proveniente, na maior parte, da exploração do pinheiro bravo (*Pinus pinaster* Ait.), a espécie mais frequente, atinge ainda alguns milhares de contos, obtidos da venda de madeiras que se escoam em geral para a fábrica de pasta de papel de Cacia, ou através das diversas

fábricas de serração regionais; e da resina que segue principalmente para as fábricas



de Figueira de Alva e Termas de S. Pedro do Sul.

(Continua)

# «A MOSCA DA AZEITONA»

## «Um grande problema agrário em vias de solução»

Pelo eng. agrónomo AUGUSTO ROSA DE AZEVEDO

*O olival, que nestes últimos anos se tem expandido entre nós, em plantações bem ordenadas, que contrastam com outras, vindas de longes tempos, constitui uma das principais fontes de rendimento e riqueza do nosso labor rural. No entanto, um inimigo — a mosca da azeitona — reduz, por forma acentuada, esse rendimento, não apenas entre nós mas ainda em todos os países da bacia mediterrânea, solar da oliveira.*

*Desde há muito que estas páginas se têm ocupado dos meios utilizados para combater o flagelo, meios que sucessivamente se têm aperfeiçoado, tornando mais eficiente o combate contra a praga.*

*Número recente da esplêndida revista «Agricultura», da Direcção-Geral dos Serviços Agrícolas, insere um artigo “A Mosca da Azeitona” — «Um grande problema agrário em vias de solução», da autoria do eng. agrónomo Augusto Rosa de Azevedo, do qual, com a devida vénia, nos permitimos reproduzir a seguinte parte:*

«**A** defesa da azeitona para azeite — de que apenas nos ocupamos neste momento — é hoje encarada quase exclusivamente com recurso aos insecticidas curativos de tipo subsistémico e como tal capazes de penetrar na polpa dos frutos.

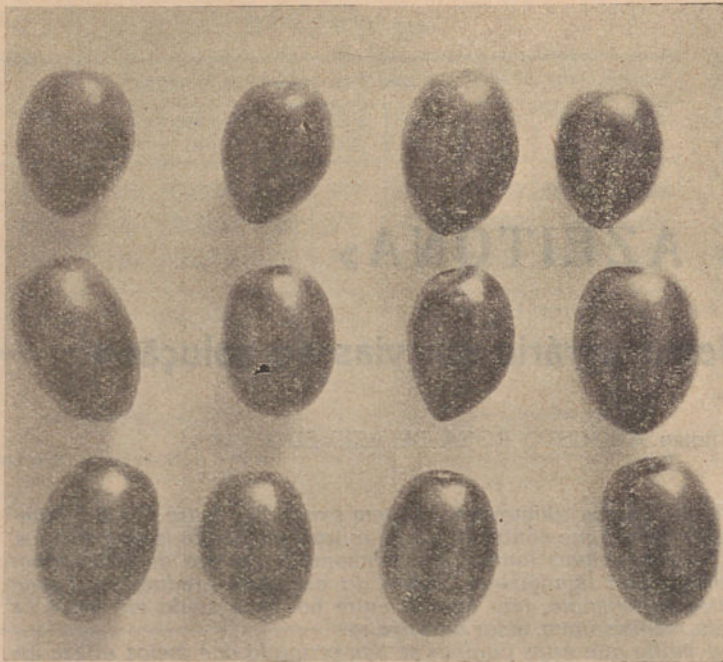
O primeiro produto ensaiado como curativo foi o Paration. A ele se seguiram numerosos ensaios de outros insecticidas fosforados, em busca de um produto que apresentasse simultaneamente maior eficiência para o *Dacus oleae* e menor inconveniente do ponto de vista de resíduos tóxicos no azeite.

Entre alguns dos fosforados experimentados podemos citar, além do Paration, o Metil Paration, o Diazinon, o Rogor, o Dipterex, o Phosphamidon, o Phosdrin, etc. Os resultados obtidos até agora permitem indicar como susceptíveis de emprego prático, desde já, o Rogor e o Diazinon e, em certa medida, o Dipterex. Estes três produtos foram objecto de

estudo aturado e hoje os conhecimentos adquiridos a seu respeito conduzem a uma ideia muito objectiva do seu comportamento, não só em relação à sua eficiência contra a mosca, mas ainda a respeito dos resíduos deixados no azeite.

As casas fabricantes de produtos químicos procuram activamente sintetizar novas substâncias ainda mais eficientes e é de prever que dentro em pouco se possa contar com mais algumas susceptíveis de virem a melhorar o panorama actual.

Os insecticidas de tipo curativo são assim designados porque têm a faculdade de penetrar no interior da polpa das azeitonas quando estas são pulverizadas, promovendo a morte dos ovos, das larvas e até, por vezes, das pupas nelas instaladas. Na realidade, porém, esta acção curativa, muito notável nalguns produtos, não atinge nível de eficiência tão elevado como o que se obtém se os aplicarmos quando o ataque está em principio, caso



Azeitonas tratadas

em que permanecem no fruto durante um espaço de tempo considerável — que chega a ser dois meses — em concentração suficiente para obstar à evolução dos ovos ou das larvas neonatas, nascidas depois dos tratamentos.

Como norma fundamental, devem por isso aplicar-se os produtos quando o ataque é incipiente. A determinação deste momento é a principal dificuldade do método, pois deve ser determinado com base no conhecimento do ciclo biológico provável do parasita, na região considerada, e em observações de amostras de frutos colhidos a intervalos semanais, desde princípios de Agosto a princípios de Outubro. Como regra, admite-se que a aplicação dos curativos deve ser feita quando a percentagem de frutos atacados não exceda 10/15 o/o, referindo-se o ataque, fundamentalmente, a larvas vivas do pri-

meiro estado. Os inconvenientes de uma deficiente determinação deste momento são tanto menores quanto mais pronunciada for a acção curativa do insecticida. Os produtos, como o Rogor, que têm uma acção muito rápida e muito acentuada, mesmo contra as larvas do terceiro estado, consentem por isso uma boa margem de erro, pois são capazes de sustar imediatamente um ataque em plena evolução.

A determinação, por amostragem, da infestação reveste certas dificuldades e pode dar origem a dúvidas quando o comportamento local do insecto não é conhecido.

Como regra geral, excluindo toda a área olivícola litoral onde os ataques são em geral fortes e de certa pre-

cocidade, não será necessário fazer tratamentos de azeitona para azeite antes do mês de Setembro. No entanto, anos há em

Azeitonas não tratadas



que se notam em Agosto, e por vezes até em Julho, infestações momentâneas que, por atingirem o nível atrás indicado, podem justificar tratamento antecipado. O mais provável, porém, será um retrocesso da infestação registada, provocado pela morte das larvas que sobrevivem durante o mês de Agosto, e muitas vezes na primeira metade de Setembro, por efeito das altas temperaturas de Verão e da concomitante secura dos frutos. Devemos pois, ao fazer a determinação do nível de infestação, considerar apenas as larvas que apresentem já uma galeria bem visível, indicativa de uma evolução normal.

Um trabalho que cabe aos Serviços Officiais é o de promover o estudo sistemático da biologia da mosca nas várias zonas olivícolas de interesse e ecológicamente bem definidas, com vista a permitir uma melhor interpretação dos resultados obtidos com a observação periódica das amostras de azeitona.

Na região de Sacavém, aquela que melhor se conhece, pode dizer-se que, a maior parte das vezes, o tratamento com insecticida curativo deverá efectuar-se de princípios a meados de Setembro.

No Ribatejo, o conhecimento que se tem do parasita é ainda incompleto. Pode no entanto admitir-se que a época de tratamento virá atrasada pelo menos uns dez dias em relação a Sacavém e teremos de contar muitas vezes com atrasos muito maiores e até com alguns anos em que a evolução da mosca seja tão fraca que não justifique o tratamento.

Presentemente há a citar dois produtos já suficientemente experimentados no estrangeiro e em Portugal para os considerarmos como susceptíveis de emprego prático. São eles o Fostion da Montecatini — comercialmente designado como Rogor — e o Diazinon, este último fabricado pela firma Geigy (Suíça) e vendido no mercado com a designação de Basudine.

Os produtos indicados têm um comportamento diferenciado. Assim, o Fostion é de acção curativa muito rápida e potente, mesmo em relação às larvas do terceiro estado, e ao mesmo tempo de acção residual prolongada. A acção curativa do Diazinon, por seu turno, é mais lenta e de eficiência apenas discreta em

relação às larvas do terceiro estado, embora possua também uma boa acção residual. Deve, por isso, ser aplicado no início da infestação e sempre antes que as larvas atinjam o segundo e o terceiro estados em grande percentagem.

Estes produtos devem ser aplicados de preferência com aparelhos motorizados de grande pressão e em gota fina.

Se forem usados pulverizadores do tipo manual, nos quais a pressão é mais baixa, e igualmente o débito, ao mesmo tempo que a pulverização da calda é mais grosseira, teremos de aumentar a concentração.

Excluindo a zona olivícola litoral, onde por vezes serão convenientes duas pulverizações, pode dizer-se que em regra, e do ponto de vista prático, se promoverá a defesa da azeitona com um único tratamento, qualquer que seja o produto usado, entre os indicados.

O emprego dos curativos na luta contra a mosca da azeitona pode operar uma verdadeira remodelação nos métodos até há pouco encarados para o seu extermínio. No entanto, devido à possível adulteração dos azeites obtidos a partir da azeitona tratada, impõe-se que caminhemos com os cuidados devidos e por forma a deixar uma larga margem de segurança que nos ponha a coberto de inconvenientes futuros.

Dos pontos de vista, quer da toxicologia dos produtos, quer dos resíduos presentes nos azeites obtidos, os estudos feitos permitem concluir que pode lançar-se mão de um esquema de tratamento suficiente quanto a eficiência e exequibilidade no aspecto económico, e perfeitamente compatível com as exigências dos higienistas. Mas para que tal suceda devem ser respeitadas estritamente as instruções sobre a utilização dos produtos.

Os ensaios já levados a efeito em Portugal, a partir de 1955, levam a afirmar que um tratamento feito em azeitona galega com Diazinon a alto volume, na concentração de 0,6 por mil de produto activo e guardando um mês e meio entre a pulverização da azeitona e a sua colheita, permitirá a obtenção de azeites onde os resíduos de produto não ultrapassam uma parte por milhão, sendo até mais frequentemente inferiores. Este nível

# Calendário do Lavrador

## O U T U B R O

### **Nos campos**

Ultimar as colheitas, que não foi possível levar a termo no mês findo.

Arrancar raízes forraginosas e proceder à sua preparação para que bem se conservem durante a estação invernos. Relembrem-se, para este fim, os silos.

Ultima-se também a preparação das terras, incorporando adubos e correctivos, eliminando-se ainda qualquer planta infestante, que tenha ficado.

Nas terras deixadas em pousio, procede-se a lavouras fundas, seguidas de gradagens e rolagens, se necessário for.

Iniciam-se — ou continuam-se — as sementeiras de cereais de Inverno e, onde

---

de resíduos de Diazinon é considerado seguro pelos higienistas.

Por sua vez, o Fostion — componente activo do Rogor — permite na mesma concentração a obtenção de azeites nos quais os resíduos ou são ausentes ou vestigiais.

Todas as considerações que atrás se fizeram dizem respeito à defesa da azeitona para azeite. O problema da defesa da azeitona para conserva, não só porque os métodos curativos não impedem que os frutos sejam maculados pela picada da mosca, mas ainda porque os estudos feitos sobre resíduos nos frutos se acham menos avançados, não pode desde já considerar-se solucionado. A experimentação em curso dirá, julgamos que em breves anos, se os métodos curativos serão susceptíveis de emprego em relação à azeitona de conserva».

for de uso, leguminosas que depois se enterram para fertilização dos terrenos.

Não esquecer a desinfecção das sementes, recorrendo para este fim aos produtos que se encontram no mercado e procedendo à operação como nestas páginas, e em várias ocasiões, se tem indicado.

Em algumas regiões procede-se já à sementeira de ervilha, fava e também grão de bico.

Semear ainda ervas para forragem em verde ou fresco, escolhendo as que melhor se adaptem aos terrenos e fim a que se destinam.

### **Nos vinhedos**

Concluir a grande faina, a vindima, quer a uva se destine ao lagar quer a conservação para venda mais tardia.

É de uso, durante este mês, pela facilidade da escolha, que os frutos bem patentes permitem, marcar as plantas, as vides, que mais tarde fornecerão garfos para enxertia.

Quando haja em vista, e seja possível, fazer novas plantações, proceder à preparação do terreno, o que tem, como é sabido, manifestas vantagens. Se for de uso na região, proceder ainda à escava de águas.

### **Nos pomares**

Iniciar ou continuar a colheita de frutos de maturação outonal — maçãs, peras, castanhas, nozes, avelãs e, aqui ou além, romãs.

Cuidar da poda e limpeza das chamadas fruteiras de caroço: amendoeiras,

pessegueiros, em primeiro, e depois, mais para o final do mês, das ameixeiras.

Pode começar-se a plantação de novas árvores de fruto; muitos, talvez baseados no ditado — quem planta no Outono leva um ano de abono — consideram este período o melhor para renovação do pomar ou formação de novos pomares.

Sobre este ponto — novos pomares — impõe-se-nos a obrigação de dizer que não deve seguir-se a orientação que temos adoptado. Na situação actual é imperioso libertarmo-nos de fantasias: deixarmo-nos de *pomares mostruários*, talvez agradáveis à vista, mas de rendimento nulo. O que nos interessa, e muito, hoje, é dispormos de pomares que permitam o abastecimento regular dos mercados interno e sobretudo externo em qualidade e quantidade. Tem sido este assunto tratado nestas páginas com o desenvolvimento que não pode aqui dar-se-lhe. Apenas como recordatória se fala no assunto.

Os pomares de citrinos necessitam de particular atenção, pois pode ser necessário combater qualquer praga — lapas, cochonilhas, etc. — que depreciam o fruto. Não esqueçamos que os pomares de citrinos, recentemente plantados, nos permitem tentar a exportação do fruto em condições favoráveis.

### Nos olivais

Em algumas regiões ainda é possível tentar, com resultado vantajoso, o tratamento contra a mosca da azeitona, assunto de que, nestes últimos anos, nos temos ocupado com frequência.

Para o que se escreveu e, ainda, para o artigo publicado neste número sobre aquela grande praga dos nossos olivais, chamamos a atenção do leitor. E passemos a breve recordatória sobre trabalhos da época, no olival.

Apanhar a azeitona que vai caindo e já esteja arruçada ou preta, que pode, mesmo quando verde, aproveitar-se.

Desde meados do mês e até Dezembro, cavam-se os viveiros; e nos sítios quentes, secos e declivosos, começa a plantação de novas oliveiras, no lugar definitivo.

Se houver disposição de proceder a novas plantações de oliveiras no fim do

Inverno, é vantajoso abrir já as covas. Melhor se desenvolverão depois as novas árvores.

### Nas hortas

Durante este mês preparam-se os terrenos da horta e fazem-se as sementeiras que devem dar legumes durante o Inverno. As sementeiras a efectuar foram indicadas nos quadros já publicados e a que nos temos referido; dão eles as indicações necessárias para o Norte, Centro e Sul do País.

Quanto a plantações também esses quadros dão as indicações precisas o que nos dispensa de aqui as repetir.

Um trabalho a que é necessário prestar atenção, é o de abrigar convenientemente das geadas, que em alguns pontos já se fazem sentir neste mês, as hortaliças que se tenham já plantado, que não suportariam, sem grave prejuízo, essas geadas.

E para terminar: plantam-se morangueiros e espargos; bolbos perfeitos de cebolas para obter semente em Julho-Agosto do próximo ano.

### Nas matas

Principia a plantação de árvores de folha permanente especialmente coníferas.

Colhem-se e arrecadam-se convenientemente as sementes que mais tarde servirão para o estabelecimento de viveiros.

Pode iniciar-se a sementeira de matos melhoradores — giestas, piorno, tojo — em terrenos livres ou nas falhas dos matos já existentes; semeia-se igualmente penísco.

Procede-se, onde seja necessário, à limpeza de regos e valeiras de modo a facilitar rápido escoamento das águas, evitando assim que causem prejuízos, no caso de chuvas intensas e continuadas.

### Nos lagares e adegas

Continua a feitura dos vinhos. Não há que relembrar trabalhos, que os devem ter bem presentes os viticultores e adegueiros, pois, para isso, seriam precisas muitas das nossas páginas onde se repetiria o que, desde muito, aqui se tem escrito.

## PROBLEMAS DE VITICULTURA

# Características culturais dos porta-enxertos e factores determinantes da sua escolha. O caso português

Pelo eng. agrónomo ALFREDO BAPTISTA

(Continuação do n.º 2431, pág. 695)

Qualquer destes extremos está fora do tipo médio de solo do plioceno a que se reportam as nossas observações.

Nos terrenos bastante calcáreos, com valores de pH superiores a 8, tem sido utilizado com vantagem o 41 B, o qual encontra adequado papel naqueles tipos de solo.

### 5 — Região Demarcada de Bucelas

É constituída por uma área relativamente pequena, em que a vinha ocupa os terrenos de várzea conhecidos na Região pelo nome de «caeiras».

Estes terrenos são geralmente de textura franco-arenosa, levemente compactos, neutros ou ligeiramente alcalinos, com valores de pH compreendidos entre 7 e 7,5.

A queda pluviométrica anda à volta de 600 mm (média anual).

São duas as castas brancas que contribuem para o fabrico do vinho branco de Bucelas; Esgana ou Esganacão e Arinto. Embora com carácter limitado, é ainda cultivado o Moscatel de Setúbal com o fim de atenuar a natural aspereza dos vinhos nos primeiros anos. O Arinto é todavia a grande casta da Região e pode afirmar-se que encontrou aqui o seu verdadeiro solar.

São quatro os porta-enxertos que melhor podem satisfazer as necessidades culturais destas castas:

3309; Rip. Glória; 420 A e R. 31

Os híbridos de Richter, R. 99 e R. 110, e o 34 E. M. dão ainda bons complexos, especialmente o R. 99 com o Esgana. No entanto, o grupo indicado mostra-nos que nos terrenos de Bucelas está mais indicado o emprego de híbridos com sangue de V. Riparia, em vez do de V. Rupestris.

Atendendo ao comportamento das castas nos quatro cavalos citados, teremos o seguinte aproveitamento:

#### REGIÃO DEMARCADA DE BUCELAS

Castas de Videira	Porta-enxertos
Arinto . . . . .	3309, Glória, R. 31
Esgana . . . . .	Gloria, 420 A
Moscatel de Setúbal . . . . .	3309, 420 A, R. 31

### Região Demarcada de Carcavelos

Esta pequena mancha de vinha situada nas vizinhanças da povoação de Carcavelos, próximo da Foz do Tejo, tem visto a sua área reduzir-se cada vez mais, não





Porta-enxerto 161-49

só por falta da eficiente reconstituição dos seus vinhedos mas também, mais recentemente, pelo desenvolvimento do plano de urbanização naquelas paragens.

No entanto, o vinho generoso produzido é bastante apreciado e encontrou na exportação o seu principal interesse.

A fraca queda pluviométrica (590 mm — média anual) e a acção dos ventos frequentes, por vezes intensos, sobretudo na Primavera, imprimem a esta Região um carácter de secura e aconselham o uso de tutores para a vinha, que é geralmente aramada.

Os terrenos onde se cultiva a vinha são geralmente de textura argilo-arenosa ou franco-argilo-arenosa, medianamente compactos, calcáreos, com valores de pH compreendidos frequentemente entre 7,8 e 8.

Concorrem para a formação do «Vinho de Carcavelos» castas brancas e tintas, de entre as quais o «Galego dourado» é das mais características, mas cuja cultura tem sido progressivamente reduzida, em virtude da sua fraca produção ou da falta dum porta-enxerto capaz de obter um resultado de interesse económico.

Dos vários porta-enxertos cultivados nesta Região demonstraram bom provei-

tamento, ainda que com algumas variações de afinidade nas castas consideradas, os seguintes:

R. 99; Rup. Lot; 34 E.M.; 5 BB e 41 B

Apesar do Rup. Lot ser, de entre estes híbridos, aquele que possui menos resistência ao calcáreo activo, os complexos por ele formados mostraram-se bons até ao último ano em que foram observados. O problema da utilização de porta-enxertos na Região de Carcavelos não deve residir apenas na resistência ao calcáreo activo, o que está dentro das precauções a tomar em terrenos de tal natureza, mas especialmente na afinidade demonstrada pelas castas naquelas condições de solo e clima.

Com efeito, o 41 B, cavalo que possui a mais alta resistência ao calcáreo activo, deu complexos mediocres na maioria das castas, conseguindo destacar-se apenas no Boal branco, como se verifica no respectivo quadro de aproveitamento:

#### REGIÃO DEMARCADA DE CARCAVELOS

Castas de videira	Porta-enxertos
Trincadeira (Periquito) . . . . .	R. 99, Lot
Espadeiro . . . . .	R. 99, Lot, 5 BB
Preto Martinho . . . . .	R. 99, Lot, 5 BB
Boal cachudo . . . . .	R. 99, Lot, 34 E M., 5 BB
Galego dourado . . . . .	R. 99, Lot, 34 E.M.
Boal branco . . . . .	R. 99, 41 B

#### Região dos Vinhos da Bairrada

Compreende os concelhos de Anadia, Mealhada, Cantanhede e Oliveira do Bairro, com terrenos cuja textura varia desde a argilosa à arenosa ou franco-arenosa, sendo nos desta última natureza que se estende uma grande parte da vinha bairradina.

Os terrenos desta Região são geralmente mais pobres do que férteis, sub-ácidos e secos, secura esta que é naturalmente atenuada por uma suficiente queda pluviométrica — cerca de 1 100 mm (média anual).

As castas mais largamente cultivadas são a Baga e a Maria Gomes, esta última

correspondendo à casta que no Ribatejo e na Zona vinícola do Oeste é cultivada com o nome de Fernão Pires (não confundir com o Fernão Pires do Beco, casta totalmente diferente).

Outras castas existem dignas da qualidade dos vinhos produzidos nesta Região. Todavia, as nossas observações apenas incidem sobre a Baga, Maria Gomes e Tinta Pinheira, e nestas o comportamento dos respectivos complexos limita-se ainda à categoria dos terrenos arenosos, pobres e secos. No entanto, admitindo que os elementos obtidos nos terrenos argilosos, na área de Coimbra (Zona Vinícola da Beira Litoral Centro), com a Baga e a Maria Gomes, a que nos referiremos oportunamente, podem satisfazer, sem grande perigo de erro, situações idênticas às da Bairrada, incluiremos aqui, com a devida ressalva, as observações correspondentes ao comportamento naqueles terrenos argilosos.

Assim, tomando por base os elementos citados, construiremos para a Bairrada o seguinte quadro:

#### REGIÃO DOS VINHOS DA BAIRRADA

Natureza dos terrenos	Castas de videira	Porta-enxertos
Terrenos arenosos	Baga. . . . .	R. 99, R. 110, 5 BB
	Tinta Pinheira. . . .	R. 99, R. 110
	Maria Gomes (Fernão Pires) . . . . .	R. 99, R. 110
Terrenos argilosos	Baga. . . . .	420 A, 34 E. M.
	Maria Gomes (Fernão Pires) . . . . .	R. 99, R. 110

É interessante verificar que a Baga, contrariamente ao sucedido nos terrenos argilosos, mostrou maior afinidade com os Berlandieri × Riparia nos solos de textura arenosa do que com os Berlandieri × Rupestris, enquanto que com a Maria Gomes não se registou qualquer alteração. Isto ilustra bem como é por vezes caprichosa a manifestação do fenómeno da afinidade, esquivando-se a qualquer prévio raciocínio e demonstrando a necessidade de apoiarmos na experimen-



Porta-enxerto 157-11

tação a solução real dos problemas de adaptação e afinidade.

Anàlogamente ao que aconteceu nas anteriores Regiões Vinícolas, outros porta-enxertos permitem ainda obter um bom comportamento com as castas da Bairrada. Assim, nos terrenos arenosos, destacam-se ainda o 3309 com a Tinta Pinheira e o Rup. Lot com a Maria Gomes, nos argilosos, o Rup. Lot, 34 E.M. e o 41 B com a Maria Gomes e o R. 110, 101/14, 41 B e 93/95 com a Baga. Relativamente ao 93/5 com a Baga, não há dúvida que forma, até ao presente, um complexo digno de figurar ao lado do 420 A e 34 E.M. e foi propositadamente que não o pusemos, pois a sua susceptibilidade à filoxera e o facto de já existirem dois porta-enxertos resistentes, com igual ou superior valor cultural, não impôs a indicação do 93/5 como dos mais aconselhados naquelas terras argilosas, favoráveis ao desenvolvimento do insecto.

Isto, acrescido com o que se tem observado em idênticas situações do País, vem confirmar que, nas terras mais ou menos argilosas, os híbridos de Vini-fera × Rupestris podem e devem ser dispensados, pois existem em regra outros cavalos, com boa resistência filoxérica,

que os superam ou que, pelo menos, os igualam praticamente na formação dos melhores complexos, evitando-se, assim, o risco sempre latente da acção do insecto.

### Zonas Vinícolas da Beira Litoral Centro e Sul

Excluída a Região da Bairrada, a área da Beira Litoral pode considerar-se dividida em três zonas, de características vinícolas diferentes: Norte, Centro e Sul.

Nesta vasta área as vinhas acham-se distribuídas pelos mais variados tipos de solo e são escassos os elementos até agora obtidos sobre o comportamento dos porta-enxertos de interesse cultural.

As informações obtidas referem-se apenas às Zonas do Centro e Sul e, nestas, resumem-se, respectivamente, aos terrenos argilosos, compactos, do con-



Porta-enxerto 106-8

celho de Coimbra e dos argilo-arenosos, medianamente compactos, do concelho de Alcobaça (Aljubarrota). Estes terrenos são geralmente de reacção neutra, diferindo porém quanto às condições climáticas, pois, enquanto em Coimbra a preci-

# Calendário Apícola

## Outubro

Continuam a inspecionar-se as colmeias para avaliar das suas disponibilidades em víveres para passarem a quadra invernososa, alimentando-se artificialmente as colónias fracas.

Reúnem-se os enxames órfãos ou débeis, que existirem no apiário.

Nas regiões muito frias, convém colocar sobre as pranchetas normais, que cobrem o corpo das colmeias, esteiras de palha ou alguns jornais dobrados, para lhes manter um pouco mais de calor durante o período de invernagem.

Continua a fazer-se a reparação e a pintura das colmeias, iniciadas no mês anterior.

pitação pluviométrica é da ordem dos 964 mm, a de Alcobaça desce para 684 mm (médias anuais).

### ZONAS VINÍCOLAS DA BEIRA LITORAL CENTRO E SUL

Concelhos	Castas de videira	Porta-enxertos
Coimbra	Fernão Pires (M. Gomes)	R. 99, R. 110
	Arinto . . . . .	R. 99, R. 110
	Bastardo . . . . .	R. 110, 420 A
	Baga . . . . .	420 A, 34 E. M.
Alcobaça (Aljubarrota)	Tamarez . . . . .	R. 99, R. 110
	Vital . . . . .	R. 99, R. 110, 420 A, 3309
	Periquita . . . . .	R. 99, R. 110, 3309, 5 BB

Pelo quadro relativo ao apuramento dos bons complexos garfo/cavalo naqueles dois concelhos, verifica-se que, com excepção da casta Baga, os híbridos de R. 99 e R. 110 foram os que, duma maneira geral, mais se evidenciaram no aproveitamento cultural das castas enxertadas.

# O APROVISIONAMENTO ARTIFICIAL DAS ABELHAS

## 1—GENERALIDADES

(Continuação do n.º 2428, pág. 581)

Pelo eng. agrón. VASCO C. PAIXÃO  
Director do Posto C. de Fomento Apícola

### 3)—Razões menos frequentes do seu emprego

a) *subordinadas ao incremento populacional.*

a)—*Ajudar colónias médias e fracas*

Dizia-se, outrora, que só se deviam estimular as colónias fortes, para se não correr o risco de resfriamento e de mortalidade da criação quando, na Primavera, surgissem bruscas variações de temperatura, aliás frequentes, considerando-se imprudente, portanto, submeter as colónias de volume médio ou fraco a semelhante tratamento.

Se fosse verdadeiramente assim, reflecte Devauchelle, os estimulantes da postura tornar-se-iam quase supérfluos, porque as colónias fortes se tiram de embarços sozinhas, criando facilmente grandes populações no tempo desejado.

Nas colónias mediocres, muito ao invés, os grossos batalhões de carreteiras só estão prestes no fim da grande meladura ou mesmo depois e, por isso, a colheita que elas dão é magra, se alguma colheita há.

Tal será a razão frequente por que uma família pequena vive miseramente, não provendo, em regra, ao próprio futuro e só colónias fortes armazenam, não apenas quanto basta a si mesmas, mas para além das suas necessidades, contem-



plando o apicultor com o excesso das provisões arrecadadas.

O mau resultado com a alimentação estimulante, nas colónias débeis, só é verdadeiramente de reear quando ocorrerem as seguintes circunstâncias:

1.º—Se a rainha for mediocre, devido à sua avançada idade ou outra causa, como raça, natureza especial, etc.

2.º—Se escasseiam as abelhas indispensáveis ao tratamento de uma grande ninhada; porque a postura, embora o alimento seja abundante, será feita tendo em conta também o calor e a força da população existente.

3.º—Se a colónia estiver alojada em colmeia móvel de paredes pouco espessas e muito influenciáveis pela temperatura exterior.

Nestas duas últimas hipóteses, com efeito, se uma rainha assaz vigorosa, mas vivendo numa família débil (\*), cedesse, porventura, ao impulso da estimulação e viesse a pôr muitos ovos, as abelhas com dificuldade os cobririam no retorno inevitável dos dias frios, pelo menos no norte; daqui surgiria, então, um resfriamento e

(\*) Em resultado, por exemplo, de terem nascido poucas abelhas no mês de Setembro anterior, quando a própria rainha era demasiado jovem para ovificar largamente.

uma mortalidade da criação em virtude do forçado abandono das amas, levadas a comprimir o seu aglomerado mais do que o estavam fazendo antes do abaixamento da temperatura.

O esgotamento das rainhas constitui, porém, o agente essencial dos malogros observados com maior frequência.

Na verdade, não é raro, no Outono, hibernar uma família pouco numerosa ao lado de outra que ocupa todo o ninho e, depois, na Primavera, apresentarem-se de força quase igual. Tal ocorrência só pode justificar-se pelo facto da colónia numerosa não estar em condições de procriar muitas abelhas no fim da estação, mesmo sob o impulso da alimentação estimulante, em virtude da mãe se encontrar exaurida; assim, as abelhas capazes de prepararem o início do desenvolvimento da colónia, ao chegar de novo a Primavera, são apenas as raras jovens nascidas tardiamente, porque todas as outras estão avelhantadas ou decrépitas.

Nestas circunstâncias, pois, vale mais uma família mediocre em aumento, que uma colossal em decrescimento.

Com razão, portanto, Canestrini e Asprea aconselham substituir, em Agosto, as rainhas que aparentem mediocridade, velhice ou quaisquer deficiências, isto é, aquelas cuja ninhada não está em proporção com a força das respectivas colónias.

São estas, afinal, que nem sequer convém manter, porque, consumindo quase tanto como as fortes, visto deverem ser alimentadas abundantemente para produzirem o calor necessário, perecem, depois, não raras vezes — quer de frio, por não serem capazes, mesmo assim, de se aquecerem bastante, quer por diarreia, sabido que as abelhas, comendo muito para elevarem a temperatura, acumulam simultaneamente nos seus intestinos muitas fezes, as quais não podem evacuar normalmente dentro da colmeia.

Rainhas vigorosas e prolíficas, boa população, reservas suficientes e pólen tardio são os factores que condicionam o melhor resultado da nutrição estimulante estivo-outonal (Setembro), diz Malagola; só assim se conseguem robustecer as famílias débeis ou em declínio, fazendo-as procriar abelhas jovens, capazes de

as ajudar a transpor bem o Inverno, as quais vivendo ainda útilmente no futuro recomeço de actividade lhes dispensam, então, qualquer outro estímulo, excepto se na região existir uma grande secreção temporã cujo produto se deseje arrecadar.

*β) — Sobrepopoavar precocemente colmeias destinadas à fecundação dos pomares*

Afirma Aldrovandi, referindo-se à Itália, que, hoje em dia, independentemente da grande colheita de néctares, na época própria, há necessidade de colónias precocemente desenvolvidas, quer para a fecundação dos pomares, quer para a obtenção de tipos de mel de uma dada flor, o que só é possível conseguir por meio da nutrição estimulante; esta sugestão, no entanto, tem um carácter obviamente genérico, pois, entre nós, por exemplo, uma e outra coisa são também de promover e aconselhar, justificando a aplicação do método em larga escala.

*γ) — Provocar a edificação de favos*

Quando se mete um enxame numa colmeia com quadros de cera moldada é indispensável, em primeiro lugar, alimentá-lo em caso de escassez ou ausência total de secreções meligéneas e, em seguida, com vista a apressar a construção dos favos (Barasc).

*δ) — Favorecer a enxameação*

Em geral, as colmeias assás povoadas e bastante activas, que desde Março apresentam belas placas de criação espalhadas por três quadros, pelo menos, não têm necessidade de ser estimuladas.

Exceptuam-se, no entanto, as que se destinam à enxameação, porque, como é óbvio, convém elevar ao máximo a sua presença (Devauchelle).

Root corrobora este ponto de vista ao afirmar que, se as colónias ficarem bastante fortes, antes de ocorrer o fluxo de néctar, pode dar-se uma enxameação prematura — naturalmente aproveitada por todo o apicultor que deseje aumentar o seu património apícola.

# Um novo aparelho para medir a altura das árvores

## O Hipsómetro Blume-Leiss

Pelos engs. silvicultores

A. PINTO ELYSEU e L. TOULSON da D.-G. dos Serviços Hidráulicos.

**D**ENTRE as medições que interessa considerar quando se pretende inventariar, volumetricamente, os povoamentos florestais e efectivar outros trabalhos relativos ao seu ordenamento, avulta a das alturas das árvores a eles pertencentes.

Numerosos instrumentos que servem a aquele fim são já hoje conhecidos e aceites sob a designação geral de hipsómetros.

Todos se baseiam ou no princípio trigonométrico de resolução de triângulos rectângulos ou no da semelhança de triângulos pela medição de ângulos e de distâncias, com determinadas variações no aspecto que apresentam e no uso que deles se faz.

Um aparelho que permite tais medições, e que garante uma rapidez de trabalho aliado a uma precisão a todos os títulos de considerar, é o *Hipsómetro Blume-Leiss*, construído na Alemanha com a colaboração dum engenheiro silvicultor.

Concebido por Oberslandforstmeister Blume e usado em várias Estações de

Investigação do Mundo, ele tem mostrado ser aparelho de interesse invulgar pelas características que apresenta e sobretudo pela maneira como está concebido.

Baseado no primeiro princípio atrás apontado, ele dá-nos directamente a distância horizontal do observador ao pé da árvore por intermédio dum mira e dum aparelho óptico especial que mais adiante transcreveremos, bem como os valores directos dos produtos das tangentes dos ângulos de inclinação por aquela distância de estacionamento.

Concretizemos:

Seja

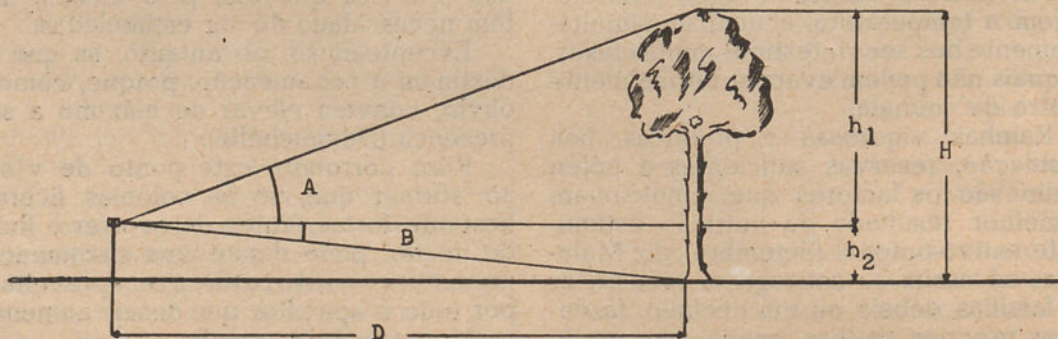
$D$  — distância do observador ao pé da árvore.

$tg A$  — tangente do ângulo que a linha de visada para o cimo da árvore faz com a linha horizontal.

$tg B$  — tangente do ângulo que a linha de visada para o pé da árvore faz com a linha horizontal.

Da figura 1 tira-se (método das tangentes):

Fig. 1



$$h_1 = D \operatorname{tg} A \quad \text{e} \quad h_2 = D \operatorname{tg} B$$

Adicionando termo a termo virá

$$h_1 + h_2 = D \operatorname{tg} A + D \operatorname{tg} B$$

Se fizermos

$$h_1 + h_2 = H,$$

temos

$$H = D \operatorname{tg} A + D \operatorname{tg} B$$

Como o Hipsómetro nos dá directamente tanto  $D \operatorname{tg} A$  como  $D \operatorname{tg} B$ , basta adicionar as leituras obtidas, que designaremos por  $1_1$  e  $1_2$ , e assim teremos

$$H = 1_1 + 1_2$$

ou seja a altura da árvore.

Segundo nós, é na determinação directa da distância  $D$  que reside um dos pontos notáveis da concepção do aparelho que assim resolve o problema da eliminação dos erros que se cometem na apreciação das distâncias por meio da fita, cadeia ou passo, usado em outros tipos de hipsómetros.

É deste hipsómetro que nos vamos ocupar no presente artigo para dar a conhecer mais um aparelho medidor de alturas de árvores e que temos usado com resultados satisfatórios.

Apresentaremos, em primeiro lugar, a sua descrição e o modo de com ele operar; em segundo plano, as correcções a que está sujeito, e por último, a estimativa do erro que se comete, com o seu uso, na medição da altura das árvores.

### I—1 Descrição do aparelho

O hipsómetro Blume-Leiss, semelhando uma pistola, tem a forma aproximada de  $\frac{1}{4}$  de círculo e é feito duma liga metálica leve que lhe serve de estrutura e na qual se encerra o mecanismo de pêndulo que se encontra preservado da humidade e demais efeitos prejudiciais (Fot. 1).

O seu peso ronda os 320 gramas e tem uma medida que se avaliou em  $18 \times 15 \times 2$  centímetros.

Na face anterior possui uma janela em

vidro celulósico, no interior da qual se pode ver um mostrador onde se notam 4 arcos graduados em «alturas de árvore» e referentes às distâncias — 15, 20, 30 e 40 metros — da árvore ao observador e um outro onde estão gravados os ângulos que a linha de visada faz com a horizontal.

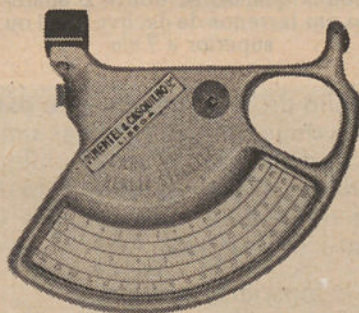
Distância de estacionamento do observador ao pé da árvore	«Alturas de árvore» lidas acima do horizonte	«Alturas de árvore» lidas abaixo do horizonte
15 metros	até 22,5 metros	até 7,5 metros
20 »	» 30 »	» 10 »
30 »	» 45 »	» 15 »
40 »	» 60 »	» 20 »

Nota — As graduações estão feitas de meio em meio metro para os números 15 e 20 metros e de um em um metro para os 30 e 40 metros.

Ângulos em graus acima do horizonte	Ângulos em graus abaixo do horizonte
de 0 graus a 60 graus	de 0 graus a 30 graus

Nota — As graduações estão feitas de grau em grau

A leitura faz-se por intermédio dum pêndulo oscilante (por gravidade) que se



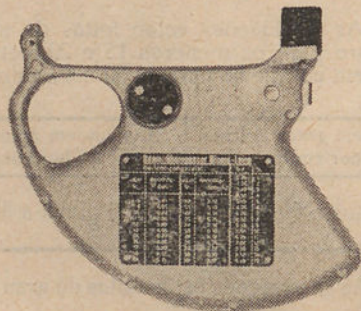
Fot. 1 — Face anterior do aparelho na qual se vê a graduação através duma janela de vidro celulósico; o ponteiro indicador está propositadamente recolhido a um dos cantos para permitir uma visão perfeita das escalas

assemelha a uma faca e que nos indica, simultaneamente, os números de metros e de graus nos já referidos arcos. Na

parte superior existe um dióptro(\*) munido dum filtro amarelo para o caso das medições se efectuarem sob luz solar intensa ou em terrenos cobertos de neve.

Na face posterior existe um botão que serve para soltar o pêndulo, um dispositivo rotativo para se trabalhar ou não com o filtro e adstrito a ela uma tabela de correcção de 4-6 graus até 30 graus; esta serve para se determinar, em função do declive (em graus), o respectivo factor de correcção quando trabalhamos em terrenos cujo declive seja superior a seis graus (Fot. 2).

O aparelho de pontaria é constituído por um orifício de 1 milimetro de diâmetro pelo qual se visa a árvore a medir e



Fot. 2 — Face posterior do aparelho mostrando uma tabela com os valores que entram na correcção das leituras quando se utiliza o aparelho em terrenos de declive igual ou superior a 7 o/o

por um tubo de 18 milímetros de diâmetro munido de duas pontas voltadas uma para a outra e distanciadas de 3 milímetros. Abaixo deste e no lado esquerdo do aparelho há um gatilho que permite fixar o movimento do pêndulo.

Com o hipsómetro vem:

a) — uma mira de material Pertinax em cor preta. Esta, com o peso de 240 gramas, possui um comprimento de 1,20m e uma largura de 7 centímetros e dobra-se em 8 partes. Numa das faces tem as gradações 0, 15 e 30 e na contrária 0, 20 e 40. Ambas são em cor branca.

(\*) Superfície (plana ou curva) de separação entre dois meios de diferente refrangibilidade.

b) — e uma pequena verruma que permite segurar a mira à árvore que se quer medir (Fot. 3).

Uma sacola em material plástico de 53 × 15 × 6 cm com duas divisórias serve



Fot. 3 — Mira articulada, em Pertinax

para guardar o hipsómetro, a mira e a verruma e pode usar-se a tiracolo. O peso do conjunto é de 740 gramas.

## 2 — Modo de operar

1.a operação — Avaliação da distância do observador à árvore.

a) — avalia-se, por estimativa, a altura da árvore.

b) — escolhe-se, em função da altura aparente avaliada, um dos números — 15,

Fot. 4 — Mira colocada, por meio duma verruma, no tronco da árvore a medir. Note-se a sua posição vertical







Fot. 5 — O operador afasta-se da árvore contando a passo o número de metros que, por estimativa, calcula ter a árvore a medir

20, 30 ou 40 — da mira, que mais se aproxima daquela estima.

c) — fixa-se, por meio da verruma, a mira à árvore tendo o cuidado de colocar a marca 0 para cima e de tal maneira que a mira fique vertical (Fot. 4).

d) — o operador coloca-se a uma distância do pé da árvore igual ao número escolhido na alínea b), medindo a passo tal distância (Fot. 5).

e) — uma vez nessa posição, segura, com ambas as mãos, o aparelho (a sua face anterior fica voltada para a árvore) e olha através do dióptro para o número escolhido na mira, notando uma dupla imagem. Então desloca-se um pouco para trás e para diante e para a direita e para a esquerda até conseguir a sua sobreposição e de maneira que as imagens do 0 e do número escolhido coincidam. Uma vez conseguido isso, o operador encontra-se exactamente a uma distância do pé da árvore igual àquele número (Fot. 6).

**2.ª operação — Determinação do declive.**

a) — o operador roda o hipsómetro e segurando-o ainda com as duas mãos, mas agora de maneira que o polegar da mão direita fique enfiado no olhal e o

indicador esticado para o usar na libertação e fixação do pêndulo, preme o botão para soltar este (Fot. 7).

b) — pelo aparelho de pontaria visa o número 0 da mira, espera uns segundos e fixa o pêndulo premando o gatilho (Fot. 8).

c) — lê no arco graduado em graus (5.ª escala do hipsómetro) o número obtido, determinando assim o declive do terreno.

1 — se este não ultrapassa os 6 graus, diz o construtor, nenhuma correcção é necessária.

2 — caso contrário (declive 7 graus ou superior) a altura da árvore terá de ser corrigida.

**3.ª operação — Determinação da altura da árvore.**

a) — o operador segurando o aparelho da maneira atrás indicada na 2.ª operação preme o botão para soltar o pêndulo e pelo aparelho de pontaria visa o cimo da árvore, espera uns segundos e fixa o pêndulo premando o gatilho.

b) — lê no arco graduado correspondente ao número escolhido na 1.ª operação, alínea b), o número de metros obtido.

c) — visa depois o pé da árvore procedendo da mesma forma já indicada nas duas alíneas anteriores.

Fot. 6 — Visando a mira através do dióptro. Note-se a posição do aparelho com a face anterior voltada para a frente do operador. Distingue-se bem a janela onde se alojam as diferentes escalas





Fot. 7 — Posição correcta do aparelho quando se faz a visada para o cimo da copa e para a base do tronco. A mão direita segura o hipsómetro como um revólver e a mão esquerda ajuda a ganhar firmeza nas pontarias

Com a obtenção destas duas leituras, em função da distância do observador à árvore, a operação considera-se praticamente terminada. Resta adicioná-las ou subtraí-las aritmeticamente para determinar assim a altura da árvore. A adição utiliza-se quando as duas leituras se lêem dum e doutro lado do 0 da escala — caso de terrenos com declives inferiores a 7°; faz-se a subtracção no caso contrário, isto é, quando ambas as leituras se determinam para a esquerda ou para a direita do 0 da escala — caso de terrenos com declives iguais ou superiores a 7 graus.

## II — Correção

Já dissemos ao tratar da 2.<sup>a</sup> operação — Determinação do declive — que, sendo este inferior a 7 graus, não era necessário corrigir a medição da altura da árvore.

Vejamos então como, para declives iguais ou superiores a 7 graus, corrigimos aquela medição.

Na face posterior do aparelho vem uma tabela (Fot. 2) com os seguintes títulos cuja tradução é:

Baumhohenmesser Blume-Leiss — Hipsómetro de Blume-Leiss  
Berichtigungstafel — tabela de correção  
Berichtig.-Zahl — factor de correção

Ora, como se vê, a cada ângulo corresponde um número — factor de correção — que designaremos por  $c$ .

Multiplicando  $c$  pela altura medida  $h$ , obtem-se o produto  $c \times h$  que é valor de correção. Subtraindo  $c \times h$  de  $h$  obtem-se a altura procurada, isto é, a altura verdadeira  $H$  da árvore ou muito simplesmente

$$H = h - c \times h$$

## III — Estimativa do erro

J. Pardé diz-nos no artigo publicado na *Revue Forestière Française*, de Dezembro de 1955, a páginas 207, que: «o erro cometido na apreciação da altura com este aparelho é mínimo. E acrescenta que Prodan no seu livro *Mesung Der Waldbestande* diz que o erro cometido é de 1 0/0, sem outro comentário».

Na série de medições que fizemos com o Hipsómetro Blume-Leiss o erro que obtivemos localizou-se entre dois limites, 0,5 0/0 e 1 0/0, o que, de certa maneira, vem confirmar mais uma vez a excelência do aparelho, pois aquele valor superior é absolutamente admissível.

## IV — Conclusão

O Hipsómetro de Blume-Leiss é um aparelho resistente, prático, de suficiente precisão e que recomendamos ao senhor Agricultor.

Fot. 8 — Ao longe vê-se o operador determinando a altura de uma das árvores em primeiro plano



# QUEM APROVEITA, GANHA!

## Os bagaços de uva depois de destilados

Pelo engenheiro agrônomo LUÍS FIALHO

**N**AS instalações vinárias bem apetrechadas, que, além da adega, possuem também alambique, os bagaços geralmente são destilados ou *queimados*, como se usa dizer em muitas regiões, naquele aparelho para a produção de aguardentes, assunto a que se fez já referência em número anterior desta revista.

Como os resíduos da destilação, incluindo o *rescaldo*, contém uma apreciável quantidade de bitartaratos e tartarato de cálcio que a indústria química aproveita para a extracção do ácido tartárico e seus derivados, julga-se oportuno lembrar aos vinicultores a forma prática e mais rendosa de obter a respectiva matéria-prima — o sarro — cujo rendimento se pode computar em 1 a 2 quilogramas por 100 de bagaço.

Após a destilação, lança-se no caldeiro ou *coluna*, distribuindo regularmente sobre os bagaços, um caneco de água quente, a qual tem por fim arrastar os bitartaratos. Decorrido um quarto de hora, abre-se a torneira inferior do caldeiro, ou de descarga, e deixa-se escorrer o líquido para qualquer recipiente, podendo servir para o efeito uma simples celha de mão ou até mesmo um caneco. Uma vez cheia a vasilha, transporta-se o líquido em questão para barricas de paredes ásperas com o propósito de facilitar a aderência, a cristalização e deposição do aludido produto — as do sulfato de cobre servem óptimamente para o fim de que se trata.

Quando se pretende obter um maior rendimento de sarro, espremem-se os bagaços destilados em qualquer prensa e lança-se o rescaldo nas vasilhas atrás referidas, que podem ser dispostas em série consoante o volume da destilação. Cheia a primeira barrica, deixa-se ficar o líquido em repouso durante uma semana, aproximadamente, a fim de facilitar a deposição dos mencionados sais e a sua fixação às paredes das vasilhas. Depois, vão-se enchendo as restantes. E entretanto, decorrido aquele período, começa-se a retirar o líquido, a pouco e pouco, até se encontrar o depósito que se acumulou no fundo das vasilhas. Com vista a facilitar este escoamento parcial, aconselha-se a efectuar vários orifícios, por meio de um simples trado, numa das aduelas, de cima para baixo e à distância de 10 centímetros uns dos outros, até um terço do fundo. À medida que se procede a este trabalho, e depois de tapados os referidos orifícios com um taco de madeira, por exemplo, lança-se novo rescaldo e procede-se a nova retirada do líquido, volvida uma semana, conforme já se disse. E assim se vai executando, sucessivamente, até ao final do período da destilação.

O depósito obtido lança-se em sacos de linhagem, que se suspendem, a fim de exaurir a água contida na massa. Depois seca-se ao sol ou num forno. Quanto aos cristais fixados nas paredes internas das vasilhas, logo que estejam suficiente-

(Conclui na pág. n.º 760)

## Uma reunião no Grémio da Lavoura da Região de Alcobaça

No dia 22 de Agosto último realizou-se no Grémio da Lavoura da Região de Alcobaça uma reunião destinada à entrega dos prémios de Conservação de Gados respeitantes ao último Concurso Pecuário, do Concurso «O Melhor Vinho» — Produção de 1958 — e ainda os relativos à III Campanha de Vacinação, inteligente iniciativa, esta, que tem por fim estimular a Lavoura a vacinar os seus efectivos pecuários.

Deu a honra de presidir à reunião o sr. Joaquim Augusto de Carvalho, presidente da Câmara Municipal de Alcobaça e viam-se ainda na mesa os srs. José Emílio Raposo de Magalhães, presidente do Conselho-Geral, eng. Vieira de Campos, representando a Junta Nacional do Vinho, Regentes Agrícolas José Duarte Machado Morais, da Brigada Técnica da IX Região, José Guerra dos Santos, delegado da zona da J. N. V. e Mário Dias Diniz, representante da Repartição das Associações Agrícolas junto dos Grémios da Lavoura. Viam-se ainda entre a assistência o eng. Columbano Taveira Fernandes, director da Estação Experimental do Sobreiro, o médico veterinário municipal dr. Carlos Inácio Lavrador, directores e procuradores ao Conselho-Geral do Grémio da Lavoura, dirigentes de outros organismos agrícolas e muitos lavradores.

Aberta a sessão, o presidente do Grémio da Lavoura, sr. Joaquim Ferreira Guimarães, dirigiu as suas saudações aos presentes e explicou o motivo daquela reunião, pedindo ao sr. Jaime Junqueiro,



Um aspecto da sessão

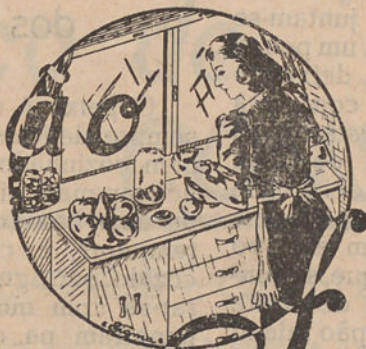
gerente do Grémio, que lesse o Regulamento da Campanha de Vacinação, procedendo-se depois ao respectivo sorteio.

O delegado do Núcleo de Assistência Técnica, reg. agrícola, sr. Machado Morais, desenvolveu algumas considerações, cheias de actualidade, sobre a agricultura da Região, baseando-se na má estrutura e no aspecto económico do preço dos produtos; apresentou ainda um extenso panorama das últimas conquistas da ciência agrária, pedindo à Lavoura para se preparar de forma a poder tornar-se numa indústria rendosa. Finalizou, com uma interessante frase que atribuiu ao fundador da Sociedade Francesa de Economia Rural: «O agricultor já não é o homem da enchada; tornou-se um operador dos laboratórios e um executante de regras científicas».

Seguiu-se a distribuição dos prémios do Concurso «O Melhor Vinho» e dos prémios de Conservação respeitantes ao último Concurso Pecuário.

O senhor presidente da Câmara encerrou seguidamente a reunião, dirigindo justos louvores ao trabalho apresentado pelo reg. agrícola Morais, permitindo-se sugerir que o mesmo deveria ser enviado a S.<sup>a</sup> Ex.<sup>a</sup> o Secretário de Estado da Agricultura; e terminou, saudando o povo do seu concelho.

# Secção



Engraçado

casaco para  
colegial

# Feminina

É um pouco difícil vestir as raparigas entre os 14 e os 18 anos, época de tran-

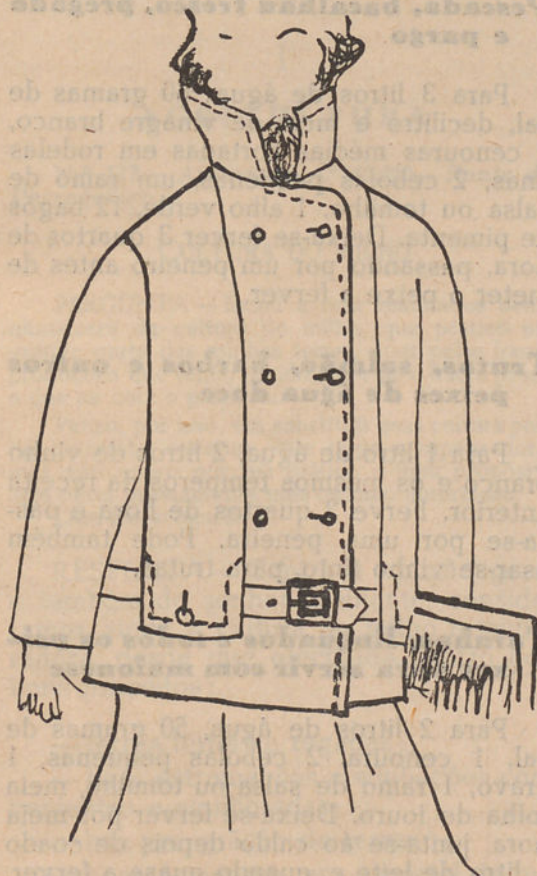
bém podem usar ainda conjuntos demasiado senhoris.

Na intenção de ajudar um pouco as nossas leitoras aqui lhes damos um modelo sóbrio e ao mesmo tempo bastante desportivo, que pode ser confeccionado em qualquer fazenda e em qualquer cor.

Tem uma particularidade que lhe dá bastante graça e o torna original: os bolsos saem de sob a pala, que prolonga o corte do corpo e que fecha com uma casa grande e botão.

O cinto, que dá a ilusão de se prolongar sob essa pala, termina exactamente junto do bolso.

Podem, no entanto, suprimir este e adoptar um cinto a toda a largura.



## A economia é a base da riqueza

Não é difícil apresentar refeições saborosas com pouco dinheiro. Basta que saiba equilibrar o orçamento, aproveitando diariamente de uma refeição mais abundante certos restos que, arranjados a preceito, formam um prato inteiramente novo. Eis algumas sugestões que pode aproveitar:

### Croquetes de galinha

Tomam-se 750 grs de galinha que pode estar cozida ou assada e passa-se pela máquina de picar carne. Numa

sição em que já não lhes assentam bem os vestidos demasiado infantis nem tam-

pequena caçarola deitam-se 20 grs da farinha com 50 grs de manteiga até a farinha estar cozida e loura, juntam-se 2 dec. e meio de leite, a galinha, um pouco de salsa picada, sal e pimenta, deixando cozer tudo, misturando bem com uma colher de pau, até que o leite esteja todo absorvido. Tira-se a caçarola do lume misturam-se 2 gemas de ovos e deixam-se arrefecer um pouco, fazendo-se depois pequenas bolas que se passam em ovo batido como para omeleta, a que se juntou uma colher de sobremesa de azeite fino. Passam-se em seguida em pão ralado e fritam-se.

### **Quenelas (carne, fígado ou aves)**

Pisam-se os restos de carne ou aves com miolo de pão que previamente se embebeu em leite (cerca de 250 grs de carne para 100 grs de pão) e juntam-se meio ovo inteiro e mais uma gema, sal e pimenta e ainda 150 grs de manteiga, misturando tudo bem. Fazem-se pequenas quenelas que podem ter a forma de bolas, cilindros, etc. e cozem-se em água a ferver durante 20 minutos ou em caldo de carne, se o houver. Ficam muito gostosas e são muito alimentares.

### **Empadinhas de carne**

Faz-se um recheio, batendo duas gemas de ovos, uma colher de manteiga derretida, outra de nata, duas de leite com a carne que previamente se passou pela máquina e a que pode juntar-se, havendo, bocadinhos de toucinho ou presunto. Mexe-se tudo bem e juntam-se duas claras batidas em castelo.

A parte faz-se uma massa com duas colheres de sopa de farinha de trigo, outra de manteiga derretida ou de azeite, um ovo, meio grama de sal e leite ou água quente suficiente para ficar uma massa que se possa tender facilmente. Estando pronta, mistura-se uma colher de fermento, das de café, e espera-se meia hora. Tende-se então a massa em camadas delgadas e revestem-se com ela pequenas formas redondas, enchem-se de recheio, cobrem-se com massa e pincelam-se com ovo batido, assando no forno bem quente por 10 minutos.

## **O segredo da cozedura dos peixes**

O peixe é um alimento que pode ser sempre deliciosamente agradável, se for bem cozinhado. Ora, cozinhar, não significa apenas frigar ou cozer. O essencial de uma boa cozinha reside na forma de temperar; e, como é lógico, um peixe cozido em água simples, só pode temperar-se com molhos acessórios, que não penetram na carne, deixando-a sempre pouco apaladada. Por esse motivo, em muitos hotéis e restaurantes, usa-se cozer o peixe já numa calda própria e bem temperada, que varia conforme as espécies cozinhadas. Assim teremos:

### **Pescada, bacalhau fresco, pregado e pargo**

Para 3 litros de água: 60 gramas de sal, decilitro e meio de vinagre branco, 2 cenouras médias cortadas em rodelas finas, 2 cebolas pequenas, um ramo de salsa ou tomilho, 1 alho verde, 12 bagos de pimenta. Deixa-se ferver 3 quartos de hora, passando por um peneiro antes de meter o peixe a ferver.

### **Trutas, salmão, barbos e outros peixes de água doce**

Para 1 litro de água, 2 litros de vinho branco e os mesmos temperos da receita anterior. Ferve 3 quartos de hora e passa-se por uma peneira. Pode também usar-se vinho tinto, para trutas.

### **Tainhas, linguados e todos os peixes para servir com maionese**

Para 2 litros de água, 50 gramas de sal, 1 cenoura, 2 cebolas pequenas, 1 cravo, 1 ramo de salsa ou tomilho, meia folha de louro. Deixa-se ferver por meia hora, junta-se ao caldo depois de coado 1 litro de leite e, quando quase a ferver, deita-se o peixe, que deve cozer muito pouco. Este caldo dá depois uma excelente sopa.

# Serviço de CONSULTAS

## REDACTORES—CONSULTORES

Dr. A. Pinheiro Torres, Advogado; Prof. António Manuel de Azevedo Gomes—do *Instituto Superior de Agronomia*; Dr. António Sérgio Pessoa, Médico Veterinário—*Director da Estação de Avicultura Nacional*; Artur Benevides de Melo, Eng. Agrónomo—*Chefe dos Serviços Fitopatológicos da Estação Agrária do Porto*; Prof. Carlos Manuel Baeta Neves—do *Instituto Superior de Agronomia*; Eduardo Alberto de Almeida Coquet, Publicista; Dr. José Carrilho Chaves, Médico Veterinário; José Madeira Pinto Lobo, Eng. Agrónomo—da *Estação Agrária de Viseu*; Mário da Cunha Ramos, Eng. Agrónomo—*Chefe do Laboratório da Estação Agrária do Porto*; Pedro Nuncio Bravo, Eng. Agrónomo—*Professor da Escola de Regentes Agrícolas de Coimbra*; Valdemar Cordeiro, Eng. Agrónomo—da *Estação Agrária do Porto*; Vasco Correia Paixão, Eng. Agrónomo—*Director do Posto C. de Fomento Apícola*.

### I

#### AGRICULTURA

N.º 172 — Assinante n.º 43.059 — Ponte do Pessegueiro.

#### CULTURA DO MILHO

PERGUNTA — Estou a tirar resultados desanimadores da cultura do milho, que pratico em grande parte das minhas terras, quer pelas fracas produções que tenho obtido, quer pelo baixo preço a que se cota o produto.

Penso, por isso, em substituir essa cultura pela da beterraba sacarina, que julgo compensadora, mas não quero pôr em prática o meu propósito sem obter previamente uma opinião autorizada.

Que me aconselha?

RESPOSTA — Contra a opinião geral e também do senhor assinante, consideramos ainda a cultura do milho remuneradora, desde que efectuada dentro dos bons preceitos:

- terras férteis e regadas;
- boas estrumações e adubações convenientes e equilibradas;
- boa preparação do terreno;
- boas sementes, em especial de milhos híbridos;
- convenientes e oportunos trabalhos culturais.

Desta forma não é difícil produzir colheitas de 4 a 5 000 quilos, e mesmo mais, de pão por hectare, além das «mondas», do pendão e das palhas para forragem.

O que é anti-económico é a cultura do milho de sequeiro, o aproveitamento de terras pobres; as insuficientes estrumações e adubações; o emprego de sementes de fraca produtividade.

Quanto à cultura da beterraba sacarina, não lha aconselhamos de forma alguma. Em primeiro lugar, porque não teria comprador para a beterraba que produzisse, pois não há, no continente, instalações fabris para a produção de açúcar a partir dessa raiz.

Tem-se pensado na introdução desta cultura, mas sabe-se que para abastecer uma fábrica, economicamente viável, de açúcar de beterraba, são precisos uns 4 000 ha de cultura e como a beterraba só pode ir na mesma terra de 3 em 3 anos, isso implica dispor-se duns 12 000 ha de terra de regadio e com fertilidade conveniente, formando um bloco em volta da fábrica, pois de outro modo os transportes encarecem demasiado o produto.

Para a sua região, e além do milho, que, como dissemos, é em nosso entender uma cultura ainda de largo futuro, consideramos da maior vantagem a explo-

ração pecuária e, portanto, as culturas forraginosas como as mais indicadas.

É nesse binómio—Forragens, Gados—que está a grande aptidão do noroeste português e dentro dele e por ele a lavoura terá que caminhar. — R.

### III

## VITICULTURA

N.º 173 — Assinante n.º 44:884 — Seixas (Minho).

### AMADURECIMENTO DA CASTA VERDELHO PARA VINIFICAR

PERGUNTA —Tenho uns 20 enxertos em Verdelho tinto; estas videiras têm, umas uns 14 anos e outras 7 a 8 anos; todas estão a dar muitos cachos, porém, não há forma de amadurecer; há um pé ou outro que pinta só, ficando muito mais verde do que maduro, outros pés estão completamente verdes na ocasião da vindima. Poderei vindimá-lo assim verde? Não irá prejudicar o vinho?

Todos me dizem que é uma rica qualidade para os vinhos verdes, e deverá ser quando maduro, mas este meu tem sido assim todos os anos.

O terreno onde está plantado é seco e não rega e está bem tratado com estrume e adubo. Esta vinha foi adquirida nos Viveiros de Castromil, Cete.

Haverá algum tratamento a fazer em determinado tempo, para pôr as coisas em ordem?

RESPOSTA—O Verdelho é uma casta muito serodia que raro adquire bastante cor. Deverá o senhor consulente esperar, aguardando que estas uvas amadureçam mais, pois nunca ficam nem muito coradas nem muito doces.

Se o local é pouco quente e pouco iluminado, pior: mais tarde amadurecem.

Aconselhamos a retardar um pouco a vindima, pois que o bom vinho verde se faz com uvas maduras.

Se a quantidade destas—da casta Verdelho—é relativamente pequena em relação às outras que vinifica não há grande perigo de perda de qualidade: se, pelo contrário, a sua quantidade é grande, deverá esperar que amadureçam, isto é, que atinjam a cor e doçura próprias da casta, que não são grandes tanto uma como outra.—*Madeira Lobo.*

### VII

## PATOLOGIA VEGETAL

N.º 174 — Assinante n.º 36 049 — Cernache do Bonjardim.

### OLIVEIRA PARASITADA POR COCHONILHAS

PERGUNTA —Envio uma amostra de ramo de oliveira atacada de doença, pedindo o favor de informar a espécie de doença e qual o modo mais económico de a combater.

Esta doença nota-se em várias oliveiras que não produziram nada, talvez devido a isto. Só agora é que estão quase a lançar rebentos isentos dessa larva, mas ela continua a germinar e a atacar esses mesmos ramos.

As folhas da oliveira têm um brilho especial, parece mesmo verniz, devido a um suco lançado talvez pela mesma larva.

RESPOSTA —O revestimento luzidio que o senhor consulente observou sobre a folhagem das suas oliveiras é uma melada segregada pelas cochonilhas, parasitas estes que se encontram a danificar aquelas suas plantas. Sobre aquela melada desenvolve-se a fumagina. Pelo que vê, a pobre planta está a ser sugada pelas cochonilhas e impedida de bem respirar quer pela melada referida quer ainda pela fumagina que sobre ela se forma.

Para o combate destes parasitas deverá logo a seguir à colheita mandar efectuar a seguinte pulverização:

Água. . . . .	100 litros
Albolineum ou equivalente. . . . .	2 »
Malaxone ou equivalente. . . . .	1 decilitro

Decorridos 30 dias, repita o tratamento. Tenha presente que o tratamento, que é venenoso, exige para dar bom resultado uma pulverização bem executada, de preferência feita com um moto-pulverizador.—*Benevides de Melo.*

N.º 175 — Assinante n.º 34:966 — Coimbra.

### TRATAMENTO DE ALFOBRES DE COUVE INVADIDOS POR LARVAS

PERGUNTA —Envio uma amostra de olhos de couve—os mais pequenos tirados ainda dos canteiros e os maiores dos talhões plantados há mês e meio. O aspecto apresentado é já conhecido



VINHOS—AZEITES—Secção técnica, sobreanálises de vinhos, vinagres, aguardentes e azeites, etc. Consultas técnicas e montagem de laboratórios. Licores para todas as análises, marca VINO-VITO. Aparelho para a investigação de óleos estranhos nos azeites. — Dirigir a VINO-VITO R. Cais de Santarém, 10 (ao Cais da Areia)— LISBOA — Telefone, 27130

de há muito; fazendo a escolha nos canteiros, a doença não aparecia nos talhões. Este ano, porém aparece nos canteiros e nos talhões mesmo que plantados aparentemente são.

Peço o favor de me dizer o que há a fazer, de futuro (para o ano corrente já pouco aproveitará) quer nos canteiros, quer nos talhões.

RESPOSTA — A segunda amostra de couves que nos remeteu e que agradeço; elucidou-nos claramente acerca do parasita que tem danificado quer os seus alfobres, quer as suas plantações de couves. Trata-se de uma pequena mosca que costuma fazer as suas posturas sobre o colo das couves em desenvolvimento ou no solo, na sua vizinhança. Destas, saem pequenas "larvas" que passam para o interior do pé da couve, minando completamente o seu interior e consequentemente provocando o estiolamento, senão mesmo a morte destas plantas.

Como tratamento, pode-se-lhe recomendar tratar previamente — 10 dias antes da sementeira — os alfobres com uma rega de "Cloroxone" diluído em água a 1%, e aplicado à razão de 4 a 5 litros por metro quadrado.

— Feita a transplantação, deverá recomendar que ao seu couval seja aplicado quinzenalmente, em polvilhação, "Dedetol polvilho" ou equivalente. Estas polvilhações convém que sejam executadas pela manhã, ainda com as plantas humedecidas pelo orvalho da noite, para uma melhor cobertura das plantas a proteger.

Oportunamente comunique-nos o resultado. — *Benevides de Melo.*

### XXIII

#### DIREITO RURAL

N.º 176 — Assinante n.º 44:327 — *Lagoaça (Douro).*

##### TRANSPORTES EM AUTOMÓVEIS

PERGUNTA — Sou proprietário de um lagar de azeite à máquina e estou interessado em adqui-

rir uma fourgoneta para transportar azeitona destas terras próximas — entre 15 a 20 quilómetros — e conduzir os clientes do azeite, entre o lagar e as suas casas.

Poderá a fourgonete ficar em meu nome, embora o lagar seja de uma sociedade?

Faço esta pergunta porque o povo diz que a lei não permite fazer estes fretes sem ter aluguer. Será assim?

RESPOSTA — 1. Diz o art. 1.º do Regulamento dos Transportes em Automóveis, aprovado pelo dec. 37 272, de 31 de Dezembro de 1948, o seguinte: "São transportes particulares os transportes realizados em veículos de propriedade de entidade singular ou colectiva, da sua exclusiva conta e sem direito a qualquer remuneração directa ou indirecta".

2. Ora, não me falando o senhor consulente em vir a receber qualquer remuneração, parece-me poder classificar o transporte que pretende fazer em particular.

3. E o regime deste transporte não está sujeito a qualquer autorização ou licença nem qualquer encargo especial (art. 6.º).

4. Determina ainda a lei que "nos automóveis ligeiros de serviço particular para transporte de passageiros poderão transportar-se quaisquer objectos pertencentes aos proprietários dos veículos ou aos seus ocupantes" (art. 7.º) e que "nos automóveis particulares de carga só podem transportar-se mercadorias pertencentes aos proprietários dos veículos" (art. 8.º).

5. Pelo que, pelas disposições citadas, se pode concluir que, para o transporte de azeitona, é necessário que a fourgoneta esteja registada em nome de sociedade, pois só assim se pode dizer que tal mercadoria é transportada por sua exclusiva conta (art. 1.º) e, como exige o art. 8.º, se faz o transporte de mercadoria pertencente ao proprietário do veículo. — *A. Pinheiro Torres.*

N.º 177 — Assinante n.º 30.626 — *Montemor-o-Velho.*

##### CONTRATO DE ARRENDAMENTO RÚSTICO. RENDA EM FRUTOS

PERGUNTA — Muito obrigado pelo resultado da consulta [n.º 2430, pág. 677]. Não me expliquei bem e, por isso, repito as condições do arrendamento:

1.º — Haja o que houver, a renda tem de ser paga integralmente. Não tem condições de quites.

2.º — O arroz a entregar é tipo Alório 1.ª, 15,180 K peso de cada fanga 20 L — 1 K 2\$79.

3.º — A entrega é feita à razão de 11 K de peso por cada 20 litros (fanga) a receber de descasque ao preço da tabela, 2\$79.

4.º — É do contrato o arroz ser entregue para liquidação da importância da renda no descasque, estabelecido.

5.º — O peso de 11 K por fanga é exigência para aplicação é determinação do preço na tabela, pois o preço varia com o peso de cada e por 20 litros.

Este ano só pagaram 2\$68. Entendo eu que tenho o direito de exigir arroz que satisfaça ao contrato. Preço de Alório, nas condições de ser pago no descasque pela tabela de 11 K Alório.

Não quero questionar com o homem o prejuízo do ano passado, mas quero estar prevenido para o próximo ano.

Sei que a renda é baixa, e mais ainda que ele, do arroz que não levou para aquele descasque, recebeu o arroz noutra descasque ao preço da tabela.

Este cavalheiro tem enriquecido com as culturas de arroz, e tendo recebido arroz à tabela podia ter-me indemnizado. Desculpa-o ele ter dito que diligenciou que o descasque, onde ficou o meu arroz, me pagasse à tabela.

O arrendamento anterior era de 25 moios e por se desculpar com a alta do preço do pessoal, exigiu passar a 23 moios, de forma que foi prejuízo por dois motivos: pela baixa de renda 4 contos, e pela qualidade do arroz, 2 contos, o que dá 6 contos, acresce a fatalidade de ter-se dado uma quebra num motor que tive de restaurar, mais 3 contos e tal, portanto, 9 contos e tal de prejuízo.

Há dificuldade em arranjar arrendatário que trate bem e que pague e, por isso, tem que se transigir, mas é duro e no futuro não sei o que será.

RESPOSTA — 1. Segundo os art. 2.º e 3.º do dec. 5411, de 17 de Abril de 1919, "é lícito às partes celebrar os contratos de arrendamento com as condições e cláusulas que lhes parecer..." considerando-se, no entanto, "nulas e de nenhum efeito" as "que contrariem ou inutilizem as garantias que nesta lei se concedem aos senhorios, arrendatários e sublocatários".

2. E o art. 61.º do mesmo dec. estabelece que "o pagamento da renda deve efectuar-se no prazo e pela forma convencionados", não podendo (art. 64.º) o arrendatário "exigir diminuição de renda com o fundamento de esterilidade extraordinária, ou de perda considerável dos frutos pendentes, por qualquer caso fortuito, salvo se outra coisa tiver sido estipulada".

3. Das disposições transcritas con-

clui-se que, nos arrendamentos rústicos, existe uma grande liberdade de contratação, sendo obrigação do senhorio e arrendatário respeitar as cláusulas estipuladas.

4. No caso concreto, vê-se das cláusulas do contrato, agora citadas pelo senhor consulente, que o arroz a entregar deverá ser sempre do tipo Alório 1.ª, 15,180 kg (peso de cada fanga de 20l), sendo entregue no descasque à razão de 11 kg por fanga, ao preço de tabela (2\$79). — A. Pinheiro Torres.

N.º 178 — Assinante n.º 44407 — Sabugal.

#### DIREITO DE PREFERÊNCIA DO PROPRIETÁRIO

PERGUNTA — Tenho uma propriedade e dentro desta minha propriedade existe uma outra encravada, a qual era de A. À morte do marido desta, ficou dividida a propriedade por A (esposa) metade, e pelos filhos B e C, 1/4 a cada.

Há cerca de 8 meses comprei a sorte ao herdeiro B, e agora C também quer vender; porém, um irmão que nada tem na dita propriedade, quer comprar e diz que comprando a sorte a C que já me tira a que eu comprei a B.

A minha propriedade deve ter cerca de 100 ha, e a propriedade encravada deve ter 2 ha.

Muito agradecia o favor de me dizer quais são os meus direitos e como devo proceder.

RESPOSTA — 1. Se bem compreendo a situação exposta, há 8 meses o senhor consulente comprou a B 1/4 da sorte referida, ficando proprietários de 3/4, o marido de A e C. Sendo assim estamos diante de uma propriedade.

2. Ora o art. 1566.º do Cód. Civil estabelece que «não podem os comproprietários (no caso presente C) de coisa indivisível ou indivisa vender a estranhos a sua respectiva parte, se o consorte a quiser tanto por tanto».

3. Nestes termos, o senhor consulente poderá sempre adquirir a quota-parte de C pelo preço que o irmão deste oferecer.

4. Por outro lado, caso a não venha a adquirir, por qualquer motivo, nunca o irmão de C terá o direito de lhe comprar a quota-parte de B (agora do senhor consulente), se o senhor consulente não quiser vender. — A. Pinheiro Torres.



# INFORMAÇÕES

## Estado das culturas em 31 de Agosto

Informação fornecida  
pelo Instituto Nacional de Estatística

O mês de Agosto decorreu com acentuada irregularidade, alternando os dias de tempo seco e quente com outros relativamente frescos e húmidos. A temperatura média do ar foi inferior ao va-

lor normal, em qualquer das décadas, ao contrário do que se verificou com a precipitação, que foi superior, principalmente durante a segunda década e nas regiões do Norte.

A chuva assumiu, em algumas zonas, aspecto de aguaceiros violentos, de que resultaram prejuízos locais, podendo, no entanto, considerar-se benéfica, principalmente para as culturas que não dispõem de água de rega em abundância, assim como para os olivais, vinhas e pomares. Para a maior parte das culturas regadas, que este ano dispõem de bons caudais, a chuva registada não chegou a representar benefício apreciável, tendo sido antes prejudicial a falta de luminosidade e de calor nos dias nublados.

Nos regadios, as culturas de batata, milho e feijão continuam a apresentar aspecto regular, pois não lhes tem faltado água de rega. Das duas últimas esperam-se rendimentos ligeiramente superiores aos rendimentos médios do último decénio, ao passo que dos batatais deverá obter-se um rendimento sensivelmente inferior.

No sequeiro, dum modo geral, estas culturas já não foram beneficiadas pelas chuvas do mês,

## Calendário de Outubro

Durante este mês a duração do dia é de 11 h. e 48 m. em 1, e de 10 h. e 36 m. em 31.

DATAS	SOL		LUA	
	Nasc.	Pôr	Nasc.	Pôr
1 Sábado . . . . .	6.32	18.20	16.25	2.34
2 Domingo . . . . .	6.33	18.18	17.4	3.41
3 Segunda . . . . .	6.34	18.17	17.41	4.49
4 Terça . . . . .	6.35	18.15	18.16	5.55
5 Quarta . . . . .	6.36	18.14	18.51	6.59
6 Quinta . . . . .	6.37	18.12	19.26	8.2
7 Sexta . . . . .	6.38	18.11	20.4	9.3
8 Sábado . . . . .	6.39	18.10	20.42	10.1
9 Domingo . . . . .	6.40	18.8	21.24	10.57
10 Segunda . . . . .	6.41	18.7	22.9	11.50
11 Terça . . . . .	6.42	18.5	22.57	12.40
12 Quarta . . . . .	6.43	18.4	23.47	13.25
13 Quinta . . . . .	6.44	18.2	*	14.7
14 Sexta . . . . .	6.45	18.1	0.32	14.46
15 Sábado . . . . .	6.46	17.59	1.35	15.2
16 Domingo . . . . .	6.47	17.58	2.32	15.56
17 Segunda . . . . .	6.47	17.56	3.31	16.29
18 Terça . . . . .	6.48	17.55	4.31	17.2
19 Quarta . . . . .	6.49	17.54	5.33	17.36
20 Quinta . . . . .	6.50	17.52	6.37	18.12
21 Sexta . . . . .	6.52	17.51	7.42	18.51
22 Sábado . . . . .	6.53	17.49	8.49	19.34
23 Domingo . . . . .	6.54	17.48	9.55	20.23
24 Segunda . . . . .	6.55	17.47	10.59	21.18
25 Terça . . . . .	6.56	17.46	11.58	22.18
26 Quarta . . . . .	6.57	17.45	12.53	23.20
27 Quinta . . . . .	6.58	17.43	13.47	*
28 Sexta . . . . .	6.59	17.42	14.25	0.26
29 Sábado . . . . .	7.0	17.41	15.4	1.32
30 Domingo . . . . .	7.1	17.40	15.40	2.37
31 Segunda . . . . .	7.2	17.38	16.15	3.42

L. C. em 4 às 22 h. e 17 m.; Q. M. em 12 às 17 h. e 26 m.;  
L. N. em 20 às 12 h. e 3 m.; Q. C. em 27 às 7 h.  
e 54 m.

\* Nestes dias a lua não nasce ou não se põe.

## RESUMO METEOROLÓGICO EM AGOSTO

	A norte do Tejo	A sul do Tejo
<i>Precipitação média (mm):</i>		
Total do mês . . . . .	33,3	4,4
Desvio da normal . . . . .	+ 20,6	+ 2,6
<i>Temperatura do ar (°C):</i>		
Média do mês . . . . .	19,0	21,8
Desvio da normal . . . . .	- 2,5	- 1,4

por se encontrarem na fase final do seu ciclo cultural. Admite-se, em primeira estimativa, que a produção de batata de sequeiro não vá além de 78 o/o da colheita média do último decénio; também se esperam resultados inferiores aos rendimentos médios dos últimos dez anos, quer para o milho (- 14 o/o), quer para o feijão (- 15 o/o).

Dum modo geral, os arrozais recuperaram o atraso inicialmente verificado, apresentando-se muitas searas na fase normal da época. As formas culturais mais precoces, como a Ponta Rubra, estão maduras, tendo começado a ceifa nos últimos dias do mês. Nas searas mais atrasadas ainda se efec-

Regiões agrícolas	ESTADO DAS CULTURAS															
	Estado fundamental: (a) 100 = Produção média por hectare no decénio 1950-59; (b) 100 = Produção média por hectare em 1959												Estado fundamental: (a) 100 = Produção média no decénio 1950-59 (b) 100 = Produção em 1959			
	Milho de sequeiro		Feijão de sequeiro		Batata de regadio		Milho de regadio		Feijão de regadio		Arroz		Uva		Azeitona	
	(a)	(b)	(a)	(b)	(a)	(b)	(a)	(b)	(a)	(b)	(a)	(b)	(a)	(b)	(a)	(b)
1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17
Continente . . . . .	86	83	85	86	88	110	112	104	102	101	100	99	114	124	112	93
I — Braga . . . . .	103	75	72	80	62	110	121	100	97	100	..	..	115	120	105	70
II — Porto. . . . .	88	70	89	70	102	130	119	110	112	100	..	..	136	140	136	80
III — Mirandela . . . . .	78	80	87	90	85	100	115	100	93	100	..	..	129	150	86	70
IV — Aveiro. . . . .	75	80	72	80	69	100	104	110	91	110	106	103	99	115	111	60
V — Lamego . . . . .	96	90	101	85	106	110	107	100	117	100	..	..	111	130	137	100
VI — Viseu . . . . .	109	100	102	100	86	120	104	100	96	100	..	..	143	150	127	100
VII — Guarda . . . . .	83	100	93	100	86	100	93	100	104	100	..	..	143	150	73	80
VIII — C. Branco . . . . .	69	70	74	80	95	100	103	100	102	100	..	..	93	80	144	120
IX — C. Rainha . . . . .	127	101	117	100	94	117	148	113	122	99	111	107	110	112	100	67
X — Santarém . . . . .	64	80	47	80	76	90	83	100	86	100	90	94	113	130	112	110
XI — Elvas. . . . .	52	80	71	90	97	120	93	110	92	100	106	97	125	100	115	120
XII — Évora . . . . .	83	110	112	110	97	110	94	100	91	100	101	101	100	90	115	120
XIII — Setúbal . . . . .	95	110	119	110	76	110	100	100	109	100	104	99	93	90	116	130
XVI — Beja . . . . .	117	120	(c)	(c)	89	100	110	100	92	100	117	105	92	80	106	80
XV — Tavira . . . . .	102	120	82	100	68	100	100	110	95	110	125	109	85	95	116	80

.. — Movimento nulo (c) — Cultura insignificante

tuaram em Agosto adubações de cobertura e mondas. Continua a prever-se um ano de produção normal, com rendimentos unitários muito semelhantes aos do ano passado.

Mantém-se a expectativa de uma produção de vinho superior à média dos últimos dez anos. Dum modo geral, a maturação das uvas decorreu em condições de tempo favoráveis, encontrando-se bastante adiantada em relação à época normal.

#### ESTIMATIVAS DAS COLHEITAS

(Números sujeitos às correcções que os cálculos definitivos indicarem)

Culturas	Produção	ÍNDICES	
		Base: produção média no decénio 1950-59	Base: produção em 1959
1	2	3	4
<i>2.ª estimativa</i>			
Aveia . . . . .	1 311 mil hl	51	70
Cevada . . . . .	811 » »	51	74
Batata de sequeiro	4 067 mil q	78	106
<i>1.ª estimativa</i>			
Trigo . . . . .	4 349 mil q	67	70
Centeio . . . . .	1 173 » »	64	67
Grão-de-bico . . . . .	265 mil hl	116	85

No fim do mês já se realizavam vindimas em algumas regiões do Sul.

Dos olivais, em ano de contra-safra, espera-se uma produção que, embora não atinja a do ano passado, deve ser superior à média do último decénio. Em algumas zonas do Sul, especialmente nos distritos de Setúbal e Faro, notaram-se fortes ataques da mosca «*Dacus oleae*», contra a qual se efectuaram pulverizações com insecticidas de descoberta recente, especialmente destinados a combater esta praga.

Nos pomares procedeu-se à colheita de fruta, sendo particularmente abundante a de pera, maçã e pêssego. O aspecto dos frutos revela, frequentemente, o ataque de insectos e fungos, consequência natural da falta de tratamentos adequados.

Concluídos os trabalhos de colheita e debulha dos cereais de pravana, vêem-se confirmadas as previsões que anunciavam um mau ano cerealífero. Efectivamente, calcula-se que as colheitas de trigo, centeio, aveia e cevada correspondam a 67 o/o, 64 o/o, 51 o/o e 51 o/o, respectivamente, em relação às produções médias do último decénio.

A produção de grão-de-bico, embora inferior à do ano passado, que foi excepcionalmente abundante, deve ultrapassar a média do último decénio em cerca de 16 o/o.

Dum modo geral, a alimentação dos gados fez-se sem grandes dificuldades, constituída principalmente por forragens resultantes do debaste e desbandeiramento do milho ou por fenos e palhas, conforme as regiões.

Os campos de forragens instalados na Primavera apresentam aspecto regular, tendo sido muito beneficiados pela chuva. Entretanto, nos milhos de

regadio, iniciaram-se as sementeiras de azevém para constituição dos prados de Inverno.

As feiras e mercados realizaram-se com regular concorrência.

Os focos de peste suína (Virus L.), que vinham a registar-se em algumas zonas do Sul, parece terem sido debelados, o que deu lugar a um maior movimento nas transacções desta espécie. Alguns produtos agrícolas de que a lavoura só dispõe de escassas disponibilidades para venda, como a aveia, a cevada e a fava, mantêm preços elevados.

Não sendo dos meses de maior actividade nos campos, houve, no entanto, ocupação para a mão-de-obra agrícola disponível, com excepção apenas de algumas localidades do Alentejo.

## Mercado de vinhos e aguardentes

Segundo os elementos fornecidos pela Junta Nacional do Vinho, os preços de produção, situação no mercado interno e da colheita em 10 de Setembro foram os seguintes:

Área	ESPÉCIE			
	Vinho tinto	Vinho branco	Aguard. vinica	Aguard. bagac.
Mealhada (a-b) . . . . .	2\$80	2\$80	—\$—	9\$00
Águeda (a) . . . . .	2\$70	—\$—	—\$—	—\$—
Torres Vedras (a) . . . . .	2\$90	2\$46	15\$00	9\$00
Bombarral (a) . . . . .	2\$80	2\$50	15\$50	9\$50
Alenquer (a) . . . . .	2\$90	2\$80	14\$00	8\$50
Santarém (a) . . . . .	3\$00	2\$50	15\$00	9\$50
Cartaxo (a) . . . . .	3\$00	2\$60	15\$00	9\$20
Almeirim (a) . . . . .	3\$00	2\$75	15\$00	9\$00
Fundão (b) . . . . .	3\$20	3\$20	—\$—	10\$00
Pinhel (a) . . . . .	2\$50	—\$—	—\$—	—\$—
		2\$80	2\$70	18\$00
Leiria (a) . . . . .	2\$90	2\$80	20\$00	9\$50

Situação do mercado: a) desanimado; b) normal.

Situação da colheita: Mealhada, prevê-se que as vindimas comecem na 2.<sup>a</sup> quinzena de Setembro; Águeda, iniciaram-se as vindimas nesta semana. Prevê-se produção superior em 20 a 25 % do ano findo; Torres Vedras, a vindima deve iniciar-se em 19 do corrente. Produção inferior em volume à do ano findo; Bombarral, começaram as vindimas. A colheita é inferior à última; Alenquer, regular aspecto vegetativo; Santarém, começaram as vindimas, sendo a colheita um pouco inferior ao que se pensava mas maior que no ano passado; Cartaxo, está-se em plena época das vindimas; Almeirim, prosseguem as vindimas; Fundão, prevê-se uma quebra na produção de cerca de 25 %; Pinhel, mais 15 % do que no ano anterior. Começaram as vindimas com estas perspectivas: Leiria, colheita sensivelmente igual à do an

# Boletim Meteorológico para a Agricultura

fornecido pelo

**Serviço Meteorológico Nacional**

2.<sup>a</sup> década (11-20) de Setembro de 1960

## Influência do tempo nas culturas

O tempo durante esta década foi favorável às várias culturas, que se apresentam com regular aspecto vegetativo.

Nos primeiros dias da década continuaram em boas condições as vindimas e as colheitas de milho, arroz, figo, alfarroba e amêndoa, encontrando-se estas últimas praticamente concluídas.

A chuva que caiu nos últimos dias da década beneficiou apreciavelmente as culturas hortícolas, os olivais e as vinhas ainda não vindimadas.

Continuaram em boas condições os trabalhos agrícolas próprios da época. A preparação das terras para as próximas sementeiras foi facilitada pela chuva que caiu nos últimos dias.

## INTERMEDIÁRIO DOS LAVRADORES

*Todos os assinantes da Gazeta das Aldeias, depois de um ano de assinatura paga, têm o direito de fazer inserir gratuitamente, nesta secção, em cada ano, dois anúncios de três a quatro linhas em que ofereçam produtos da sua exploração agrícola, ou solicitem trocas de animais, plantas, sementes, etc., de que necessitem. Esses anúncios serão publicados duas vezes. Não são considerados nesta regalia os anúncios de carácter comercial.*

**Galinhas da Índia**, compra Dr. José Vaz Guedes Bacelar — Av. Gomes da Costa, 618, Porto.

**Coelhos Gigante Espanhol ou Gigante Normando**, puros, compra José Simões Calado — Direcção de Finanças — Viseu.

**Cisnes** — compra-se um casal. Maria do Carmo de Melo e Sousa — Lanheses — Arrancada do Vouga.

# Cotações do Mercado Abastecedor de Frutas do Porto

No dia 24-9-960

Por quilograma

<b>Castan...</b>	Alto Douro	3\$00	2\$30	2\$30
<b>Uva.....</b>	Baixo Douro	4\$00	1\$50	2\$00
	Ribatejo	3\$50	2\$00	2\$50

NOTA — N.º (1) São cabazes com o peso de 15 a 22 quilos  
» (2) » » » » » 20 a 30 »  
Cestas » » » » 20 a 25 »

Preços por volume

Espécies	Procedências	Designação das taras	Máximo	Mínimo	Mais frequente	
<b>Maçã..</b>	Baixo Douro	N.º 1	15\$00	—	—	
		N.º 2	50\$00	15\$00	25\$00	
	Alto Douro	Cx. n.º 1	40\$00	—	—	
		N.º 1	25\$00	10\$00	10\$00	
	Mirandela	»	N.º 2	100\$00	75\$00	20\$00
			»	30\$00	—	—
		Mir. (R.-C.)	»	30\$00	12\$50	15\$00
			»	60\$00	25\$00	30\$00
		Oeste	»	32\$50	10\$00	20\$00
			»	32\$50	10\$00	20\$00
		Leiria	»	40\$00	—	—
			»	40\$00	—	—
Braga		»	30\$00	20\$00	30\$00	
		»	30\$00	20\$00	30\$00	
<b>Pera.....</b>	Baixo Douro	Cx. n.º 1	100\$00	40\$00	50\$00	
		N.º 2	110\$00	35\$00	75\$00	
	Alto Douro	»	120\$00	10\$00	40\$00	
		»	50\$00	25\$00	40\$00	
	Mir. (R.-C.)	»	110\$00	30\$00	40\$00	
		»	90\$00	35\$00	40\$00	
	Oeste	Cx. n.º 1	90\$00	35\$00	40\$00	
		Cx. n.º 2	150\$00	—	—	
	Ribatejo	Cx. n.º 1	120\$00	100\$00	100\$00	
		N.º 2	100\$00	65\$00	70\$00	
	Braga	»	90\$00	—	—	
		»	90\$00	—	—	
<b>Limão..</b>	Baixo Douro	N.º 1	300\$00	100\$00	200\$00	
		Sotavento	N.º 1	180\$00	—	—
<b>Romã ....</b>	»	»	50\$00	35\$00	50\$00	
		»	55\$00	30\$00	50\$00	
	Cesta	»	40\$00	—	—	
		»	40\$00	—	—	
Barlavento	»	N.º 1	40\$00	32\$50	35\$00	
		N.º 2	50\$00	35\$00	40\$00	
	Alto Douro	»	50\$00	30\$00	40\$00	
		»	50\$00	30\$00	40\$00	
<b>Figo.....</b>	»	Cx. n.º 1	50\$00	40\$00	40\$00	
		N.º 1	22\$50	—	—	
	»	N.º 2	30\$00	20\$00	30\$00	
		»	30\$00	20\$00	30\$00	
Baixo Douro	N.º 1	15\$00	—	—		
	N.º 2	30\$00	15\$00	25\$00		
<b>Marmelo</b>	»	»	120\$00	10\$00	110\$00	
		»	87\$50	42\$50	60\$00	
	Alto Douro	»	90\$00	37\$50	70\$00	
		»	62\$50	—	—	
	Sotavento	»	80\$00	57\$50	60\$00	
<b>Laranja.</b>	Baixo Douro	N.º 1	50\$00	—	—	
		N.º 2	220\$00	40\$00	180\$00	
<b>Pêssego.</b>	Alto Douro	»	50\$00	—	—	
		»	160\$00	100\$00	160\$00	
	Baixo Douro	»	110\$00	30\$00	80\$00	
Minho (R.C.)	»	110\$00	30\$00	80\$00		

Por quilograma

<b>Banana..</b>	Funchal	6\$00	5\$00	5\$00
<b>Bat. doce</b>	Faro	2\$00	—	—
<b>Tomate..</b>	Famalicão	1\$00	—	—
Baixo Douro	»	1\$40	1\$00	1\$20
	»	1\$40	1\$00	1\$20
<b>Noz.. ..</b>	Baixo Douro	11\$00	10\$80	10\$80
	Alto Douro	9\$00	—	—

## QUEM APROVEITA, GANHA!

(Conclusão da pág. 749)

mente secos, raspam-se como se usa fazer nos tonéis e guardam-se à parte. O produto final constitui uma pequena receita, em boa verdade, mas que compensa largamente o trabalho e a despesa de tal aproveitamento. E vem a talhe de foice o adágio popular «Muitos poucos, fazem muito». Por isso todas as economias que o vinicultor possa realizar terão o mérito de contribuir para a estabilidade do orçamento agrícola e resultam inteiramente, como é legítimo, em seu proveito.

E quanto aos bagaços destilados? — Já agora cabe informar que doseiam, em média, os seguintes princípios activos: azoto, 0,80 o/o; ácido fosfórico, 0,35 o/o; e potássio, 0,63; cujo teor aconselha o seu aproveitamento e emprego como fertilizante dos terrenos. No entanto, convém associá-los aos estrumes, porque, quando aplicados estremes, o ácido tartárico livre pode prejudicar a vegetação. Tendo ainda em vista a riqueza altriz, os bagaços, depois de bem secos na eira ou noutra local considerado pertinente à secagem, podem também ser utilizados na alimentação do armentio sob a forma de folhelho e de mistura com a palhada, com sêneas, mas com uma certa parcimónia para evitar perturbações gastro-intestinais. E quanto às grainhas... essas são aproveitadas pelas aves de capoeira.

Resta ainda fazer ligeira menção às borras — outro residuo da vinificação e que na altura das trasfegas se calculam em 10 quilogramas por 1.000 litros de vinho envasilhado —, as quais, depois de destiladas, igualmente se podem aproveitar para sarro.



# A UNIFA

põe à disposição dos Agricultores

## a) Produtos para combater males e pragas

**Agral LN** — Molhante-aderente para incorporar nas caldas insecticidas e fungicidas.

**Albolineum** — Emulsão de óleo branco para combater as «cochonilhas» ou «lapas» e «icérias».

**Mergamma** — Desinfectante da semente do milho, a qual assegura protecção contra os ataques do «alfinete» e doenças criptogâmicas.

**Cloroxone** — Poderoso insecticida com base em Clordane, indicado para o combate à «formiga argentina».

**Didimac 10 e 50** — Produtos com base em DDT, especialmente recomendados para o combate à «traça» da batata e das uvas, e ainda ao «bichado» dos frutos, à «teia» da macieira, etc.

**Gammexane 50** (sem cheiro) e **P. 520** — Produtos com base em Lindane, e B. H. C.,

respectivamente, indicados em especial para o combate ao «escaravelho» da batateira, «pulgão» ou «áltica» da vinha, «hoplocampas», etc.

**Gamapó A** — Insecticida com base em B. H. C., próprio para a destruição dos insectos do solo — «quirónomo» do arroz, «alfinete» do milho, «roscas», etc.

**Katakilla** — Produto com base em Rotenona, para combater os «piolhos» e outros insectos prejudiciais às plantas.

**Malaxone** — Éster fosfórico não tóxico com base em Malathion; combate «algodões», «afidios ou piolhos» «traças» das uvas, «mosca» dos frutos, etc.

**Quirogama** — Insecticida líquido para o combate ao quirónomo ou lagartinha vermelha dos arrozais.

## b) Produtos para destruição de ervas e arbustos

**Agroxone 4** — Herbicida selectivo com base em M. G. P. A., completamente desprovido de toxicidade para o homem e animais domésticos. O herbicida que permite uma rápida, eficaz e económica monda das suas searas sem causar quaisquer prejuízos aos cereais.

**Atlacide** — Herbicida total com base em clorato de sódio para a destruição

das ervas daninhas dos arruamentos, jardins, etc.

**Trioxone** — Arbusticida hormonal, com base num éster do 2. 4. 5 T. Embora seja também activo contra diversas ervas daninhas de «folha larga», o 2. 4. 5 T é especialmente eficaz contra plantas lenhosas, tais como silvas, diversos tipos de mato, acácias infestantes, etc.

## c) Produtos auxiliares da vegetação

**Horthomona A** — É um preparado sintético que estimula e ace-

lera a formação de raízes nas estacas.

À VENDA EM TODOS OS DEPÓSITOS E REVENDADORES DA

## Companhia União Fabril

Rua do Comércio, 49 — LISBOA

Rua Sá da Bandeira, 84 — PORTO

**Insecticidas — Fungicidas e Herbicidas**

## “Ortho” e “Ormental”

**Laranjol** — Emulsão oleosa de verão para as cochonilhas dos citrinos e de outras plantas.

**Cochonol** — Emulsão oleosa de inverno para árvores de folha caduca.

**Orthion 20** — À base de Parathion (20 %).

**Melatox 50** — À base de Malathion (50 %).

**Lindox 5, 20 e 100** — À base de Lindane.

**Lindox 50** — À Base de B. H. C.

**Paufonal 10 e 50** — À base de D. D. T.

**Ortane 5 e 75** — À base de Chlordane.

**Vapotone 20** — À base de T. E. P. P. para os piolhos ou morrilhões.

**Orthocide 83** — Fungicida à base de Captan. Substitui os fungicidas cúpricos com vantagem. Conhecido por «penicilina» das plantas.

**Lironox** — Herbicida à base de M. C. P. A.

Para maior eficácia destes produtos empregue os pulverizadores BACCHUS e VAULTIER e as torpilhas BACCHUS

Exclusivo de: H. VAULTIER & C.<sup>A</sup>

2587

# Os 6

PRINCIPAIS MOTIVOS  
DO ALTO VALOR DA  
**UROCRASINA**

- 1.º Dissolve e elimina o ácido urico
- 2.º Activa a diurese
- 3.º Regularisa a tensão arterial
- 4.º Facilita a circulação do sangue
- 5.º Combate a obesidade
- 6.º Desintoxica e rejuvenesce

**UROCRASINA**  
*Despecifico Anti-urico por excelência*

2816





# TRITISAN

Desinfectante especial a seco para combater a «CÁRIE» ou «FUNGÃO» do trigo  
NÃO É VENENOSO

## Senhores Lavradores:

Acaba de chegar nova remessa de TRITISAN, o fungicida que tão bom acolhimento tem tido por parte da Lavoura.

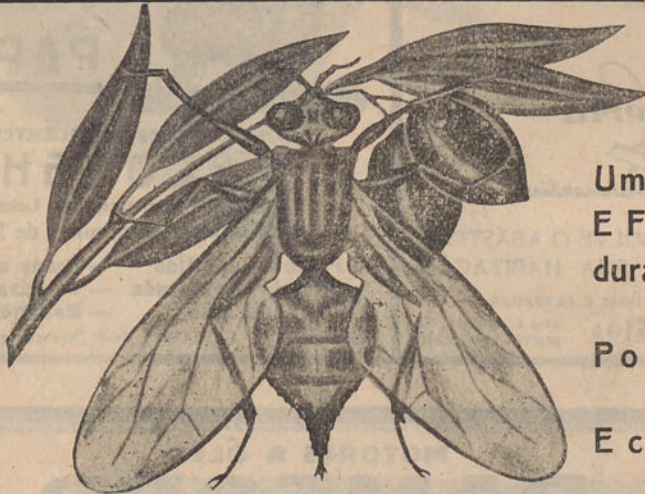
Sigam o conselho da Federação Nacional dos Produtores de Trigo, desinfectando as vossas sementes.

Não queiram sofrer os prejuízos resultantes da desvalorização dum cereal atacado de FUNGÃO.

Façam, pois, a desinfeção das vossas sementes com TRITISAN, um produto da «HOECHST», que, além de não ser tóxico, oferece as maiores vantagens e garantias.

Peçam informações ou dirijam já os vossos pedidos ao agente mais próximo.

# DACUSOIL



Um tratamento,  
EFICIENTE  
durante 2 meses

Pouco tóxico

Económico

9836



COMBATE À MOSCA DA AZEITONA

Distribuído em Portugal por

**SOCIEDADES REUNIDAS REIS, LDA.**

LISBOA — Rossio, 102 e 108 — Telef. 3 2521 / 2 / 3

PORTO — Rua Fernandes Tomás, 565/573 — Tel. 2 3437

PAMPILHOSA — Telef. 13



Ácidos Cítrico e Tartárico \* Metabissulfito de Potássio \* Taninos "DYEWOOD" \* Solução Sulfurosa \* Calgonit \* Soda em Cristais \* Sebos para Empostigar \* Wino \* Parafinas, etc.

Mustímetros \* Glucómetros \* Areómetros \* Gluco-Enómetros \* Termómetros \* Acidímetros \* Ebuliómetros \* Vinómetros, etc.

Mangueiras de Borracha e de Plástico \* Filtros \* Bombas \* Enchedores \* Gaseificadores \* Rolhadores \* Tesouras para Poda.

3546

## Sociedade de Representações Guipeimar, L.da

Rua de Rodrigues Sampaio, 155-1.º  
PORTO

Telefone, 28093  
Teleg. Guipeimar



3047

A BOMBA QUE LHE RESOLVE O ABASTECIMENTO DE ÁGUA NA SUA HABITAÇÃO

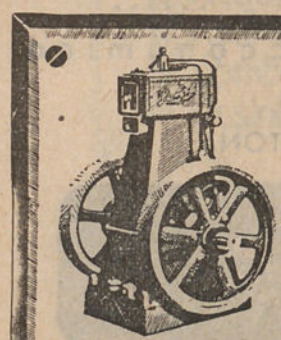
AGENTE GERAL PARA PORTUGAL E ULTRAMAR  
J. L. DUARTE DE ALMEIDA RUA S. MIGUEL, 61  
PORTO - TPI. 26515



1369  
**CONTRA A PAPEIRA**

OS CRIADORES PREVIDENTES DÃO  
**MARCA PLOUGH** (CHARRUA)  
(Allen & Hanburys, Ltd., Londres)  
em cápsulas gelatinosas de 1 c. c.

- Produto garantido
  - Reduz a mortalidade
  - Eficácia comprovada
  - Valoriza as sementeiras
  - Fácil aplicação
  - Melhora a lã
- Agentes: COIL TAYLOR, L.da-R. Douradores, 29-1.-LISBOA



## MOTORES A ÓLEO BAMFORD

**DIESEL**  
RESISTENTES  
SIMPLES  
FÁCEIS DE  
MANEJAR  
ECONÓMICOS  
GARANTIDOS

O MELHOR  
MOTOR INGLÊS  
PARA A  
AGRICULTURA  
E PEQUENA  
INDÚSTRIA

**JAYME DA COSTA, L.ª**  
14 - R. dos Conneiros - LISBOA  
12 - P. da Batalha - PORTO  
MECÂNICA E ELECTRICIDADE  
EM TODAS AS APLICAÇÕES

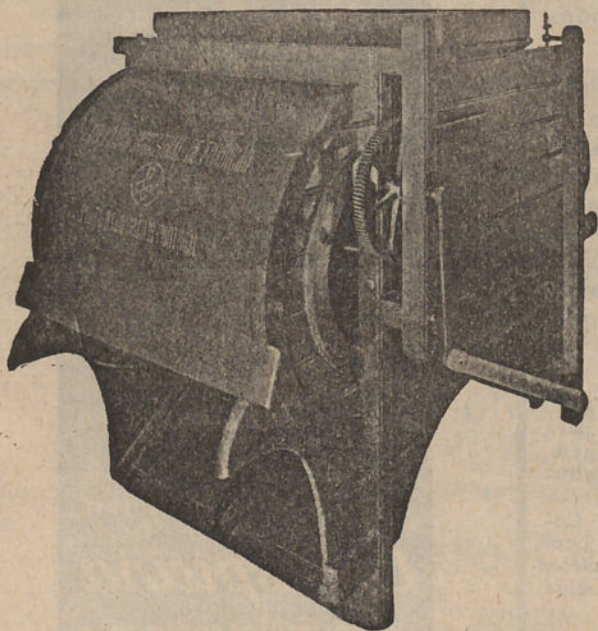
DESDE 3 1/2 HP - 600 R.P.M.

1149



# COMPANHIA INDUSTRIAL DE FUNDIÇÃO

S. A. R. L.

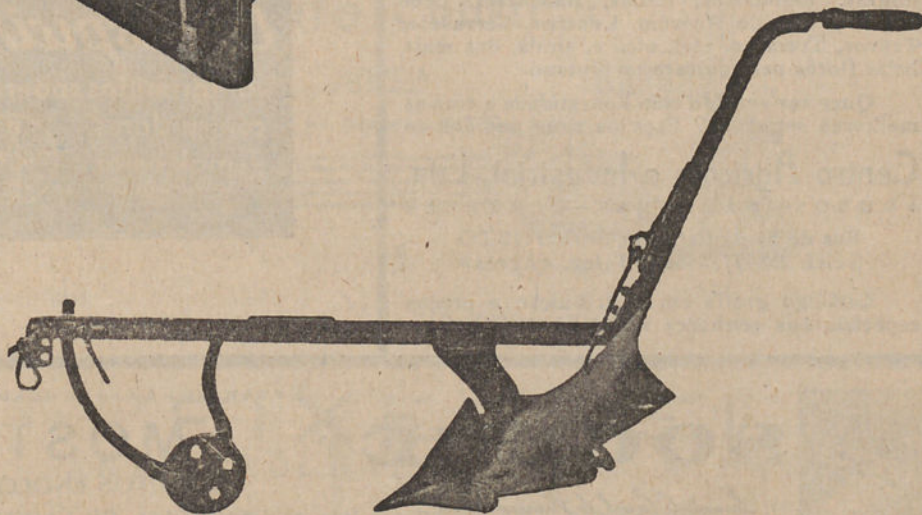


•  
**CHARRUAS  
DESCAROLADORES  
TARARAS**

**TUDO O MATERIAL  
AGRÍCOLA**

•

Dirija  
as  
suas  
consultas  
à



Rua de S. João, 17 a 21—**PORTO**—Telefone P. P. C. }  
24927  
24928  
24929

3349

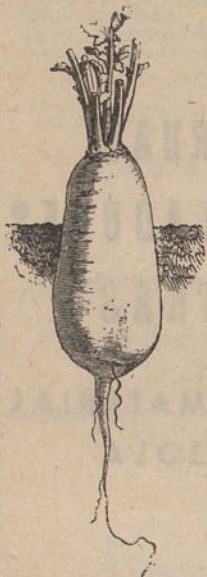


# Her Humus

369

O activador biológico das fermentações das nitreiras  
AUTÊNTICA MÁQUINA DE FAZER ESTRUMES  
Galeria de Paris, 75 ..... PORTO

**Para bem colher é preciso, bem semear,**



mas cautela, não esqueça que só com boas sementes se conseguem os bons produtos.

O CENTRO AGRICOLA que à sua secção de sementes vem já há tempos a dedicar o seu melhor cuidado, nomeadamente na selecção dos seus fornecedores, lembra aos seus Clientes que, nesta época, se faz a sementeira de:

Alfaces, Acelgas, Agriões, Beterraba para mesa e para forragem, Couves pencas, tronchudas, lombardas, de repolho, de couve-flor, Cenouras, Espinafres, Nabos, Rabanetes, bem como, ainda, de Azevém, Luzerna, Serradela, Trevos, Tremoço, etc., etc., e, ainda, das mais belas flores para cultura no Outono.

Quer ser servido com honestidade e com as melhores sementes? Faça os seus pedidos ao

**Centro Agrícola e Industrial, Lda.**

A DUBOS—MÁQUINAS—SEMENTES

Rua de Santa Catarina, 309—PORTO

Telef. 25865/25866 — Teleg. «Agros»

2747

Catálogo grátis em distribuição e preços especiais aos senhores «REVENDEDORES».

A natureza dificulta a vida das Senhoras também na sua profissão



Nesses dias, mantenha a resistência tomando

**Cafiaspirina**<sup>®</sup>

comprimidos soberanos contra dores e mal-estar



2640



## SOGERE

*Sociedade Geral de Representações Lda*

PORTO—Rua Infante D. Henrique, 36-1.º, Esq.º—Tel. 24720  
LISBOA—Avenida Guerra Junqueiro, 12-3.º, Dt.º—Tel. 725.728

Tratamento e conservação do

## MOSTO

PRODUTOS ENOLÓGICOS  
MATERIAL DE LABORATÓRIO

ANÁLISES

Recomendamos para colagens a **Gelatina «SPA»**

541

## == Viveiros da Quinta de S. Miguel ==

A maior selecção de barbados americanos, de todas as variedades e para todos os terrenos, bem como árvores de fruto rigorosamente seleccionadas e desinfectadas.

}} Suínos de pura raça YORKSHIRE (LARGE WHITE). Galinhas de raça PLYMOUTH ROCK BARRADA e LIGHT SUSSEX. Perús MAMMOUTH e patos KAKI-CAMPBELL e PEKIN. Novilhos e novilhas, pura raça holandesa, e outros melhorados pelo sangue da mesma raça.

No seu próprio interesse, visite os nossos viveiros, onde poderá admirar os maravilhosos frutos da nossa colecção de «pés-mães». — Peça catálogo grátis.

### Sociedade Agrícola "Quinta de S. Miguel", L.da

Carreira — Silveiros (Minho)

3684

Telef. 71 — NINE

2738

# Bosch

BOMBAS E INJECTORES  
PARA TODOS OS MOTORES AGRICOLAS  
E SUA REPARAÇÃO  
COM PEÇAS GENUINAS BOSCH

E. T. ROBERTO CUDELL, L.<sup>DA</sup>

PORTO

LISBOA

R. Faria Guimarães 883

R. Passos Manuel 30

112 Av. Duque Loulé 120



## FIXEGREL

ANTIABROLHANTE PARA A BATATA

Evita o grelamento e reduz a perda de peso da batata armazenada. — Isento de toxicidade

Galeria de Paris, 75 ..... PORTO

3688

## Produtos V.A.P.—Portugal

(Fórmulas inéditas)

### GLYCOL

(O ideal da pele)

O único preparado que realiza a máxima beleza, dando à pele o raro encanto da mocidade

V  
A  
P

### VAP

(Elixir dentífrico concentrado)

Um sonho realizado: aroma sedutor, frescura inextinguível e higiene máxima

À VENDA NAS MELHORES CASAS DO PAÍS

Depositários Gerais: **Ventura d'Almeida & Pena** — Rua do Guarda-Mor, 20-3.º-Esq.-LISBOA

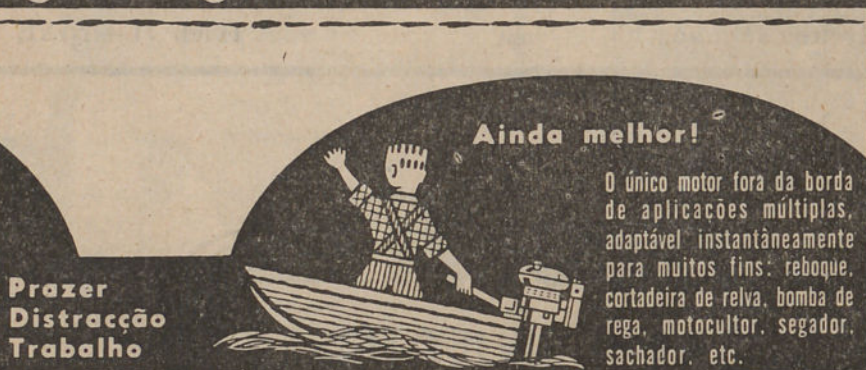
ENVIAMOS ENCOMENDAS PELO CORREIO À FRANÇA

1508



O sistema **Terra**  
NAUTIQUE

Motorize  
o seu barco com  
o motor amovível  
de **3 CV**  
com embraiagem automática



Bomba



Cortador de relva

**Ainda melhor!**  
O único motor fora da borda de aplicações múltiplas, adaptável instantaneamente para muitos fins: reboque, cortadeira de relva, bomba de rega, motocultor, segador, sachador, etc.

PEÇAM PROSPECTOS E PREÇOS À

AGÊNCIA GERAL PARA PORTUGAL — Rua de José Falcão, 156 — PORTO — Telefone, 20947

## Fábrica de Passamanarias

(FUNDADA EM 1910)

Galões de seda para paramentos de Igreja

Elásticos para suspensórios, calçado, cintas, etc.

**GARCIA, IRMÃO & C.ª L.da**

Avenida Fernão de Magalhães, 1201

Telef. 41278

PORTO

3525

## H. KLEIN, L.ª DA

Sucessores da casa H. KLEIN — fundada em 1894

**Produtos Enológicos** — Taninos, gelatinas, produtos especiais para o tratamento, melhoria e clarificação de vinhos.

**Derivados de Mosto de Uva do Douro** — Mosto esterilizado, Mosto concentrado, Mosto torrado.

**Carvões vegetais activos** — Para Enologia, Indústria açucareira, Indústria química.

Rua da Montanha, 177 — Vila Nova de Gaia

Telef. 390141 — Telegr. NIELK

1823

Todos os produtos legalmente autorizados para a indústria vinícola.

## VINHOS

Material de Adega e acessórios para todas as aplicações.

Material de laboratório, reagentes e análises

TUDO PARA A VITI-VINICULTURA

Consultar sempre: **A. DUARTE** (Organização Técnica de Enologia)

Rua do Arsenal, 84-2.º Esq.

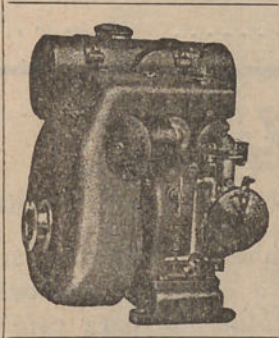
LISBOA — 2

Telefone, 366284

3593

# Motores e Grupos de Rega

## VILLIERS



### MOTORES A PETRÓLEO

QUATRO TEMPOS

MARK 10, MARK 20, MARK 25, MARK 40  
1,1 HP      2 HP      2,4 HP      3,3 HP

GRUPOS DE REGA DE

1 1/2"      2"      2 1/2"      3"

ENCONTRÁ-LOS-A NAS BOAS CASAS DA SUA REGIÃO

REGUE COM VILLIERS E REGARÁ TRANQUILO

AGENTES GERAIS EM PORTUGAL

**SOCIEDADE TÉCNICA DE FOMENTO, LDA.**

PORTO — Av. dos Aliados, 168-A  
Telef. 26526/7

LISBOA — R. Filipe Folque, 7-E e 7-F  
Telef. 53393      3532

## OENOL

*Sociedade Portuguesa  
de Oenologia, Lda.*

Importadores - Armazenistas

DE

Produtos Enológicos  
Material de Adega

E

Material de Laboratório

LISBOA — Rua da Prata, 185, 2.º  
Telefones: 2.8011 - 2.8014

## BENZANE EUREKA

A BASE DE BENZOL

Desinfectante a seco, especial para  
combater a

## CÁRIE ou FUNÇÃO do TRIGO

\* Não é tóxico

\* Não levanta poeiras incomodativas

\* Eficiência comprovada

\* Muito económico

Estimula a germinação

À VENDA EM TODO O PAÍS

**INSECTICIDAS ABECASSIS**  
**Soluvol, Lda.**

Campo Grande, 189 — LI - B - A — Telef. 790916



# Wino

MASTIQUE  
especial para a

VEDAÇÃO PERFEITA DO VASILHAME

Galeria de Paris, 75 ..... PORTO

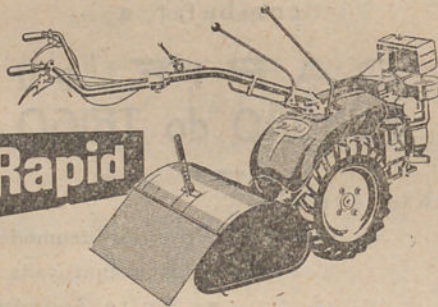
8689

## Rapid ERPA



MOTOCULTIVADORES—3, 8, 12 CV  
TRACTORES ARTICULADOS—12 CV  
MOTOPULVERIZADORES \* ATOMIZADORES

**J. J. Paiva**  
L. Alves Martins—VISEU



## Rapid

# AVERY

2876

A MARCA COM MAIS DE 225 ANOS DE EXISTÊNCIA

Balanças \* Básculas \* Medidoras para  
petróleo, azeite e óleo \* Cortadores  
para fiambre \* Moinhos para café \*  
Picadoras

MODELO A. 952

Capacidade—10 quilos  
Mostrador—1 quilo  
Divisões—5 gramas

Balança semi-auto-  
mática precisa,  
moderna e de ele-  
gante apresentação

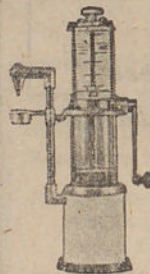


MODELO M4CH

### Medidora para Petróleo, Azeite e Óleo

Medição rigorosa e automática  
nas capacidades de 1/2 e 1  
decilitros, 1/8, 1/4, 1/2 e 1 litro

ESMALTADA A BRANCO  
RÁPIDA E HIGIÊNICA  
ELEGANTE, ROBUSTA E EFICIENTE

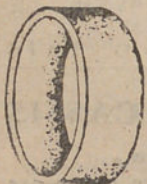


## AVERY PORTUGUESA, L.<sup>DA</sup>

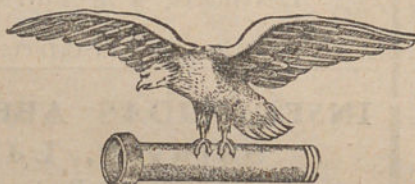
SEDE—LISBOA—Rua Braamcamp, 66-70—Telef. 42001  
FILIAL—PORTO—Rua D. João IV, 23—Telef. 22144  
AGÊNCIAS } COIMBRA—Rua da Sofia, 164—Telef. 4512  
              } FUNCHAL—R. Ferreiros, 18—Telef. 318.2286

8689

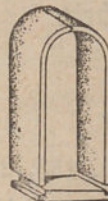
3199



Argola para poços



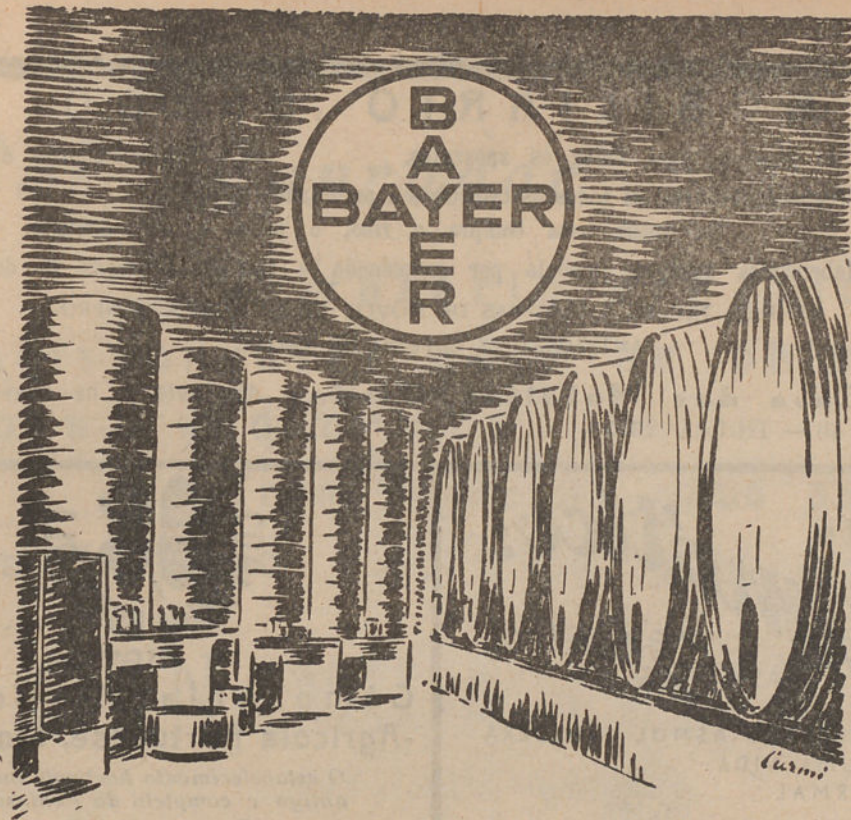
Tubos de cimento



Peças para minas

A INDUSTRIAL DO BARBEIRO  
VILA NOVA DE FAMALICÃO—Telef. 115  
Fábrica de: Tubos de cimento para a con-  
dução de água a qualquer pressão, Blocos,  
Argolas para poços, Peças para mina, Pos-  
tes para Iluminação Pública, Barricas em  
cimento para sulfatação. Chamamos a aten-  
ção para as peças para minas, tubos e argo-  
las de cimento, por ser um fabrico ainda  
bastante desconhecido e de duração sem  
confronto. Armazem de: Ferragens, Dro-  
garia, Telha, Cimentos, Cal hidráulica, Cal  
gorda, Sal, Adubos químicos, etc.





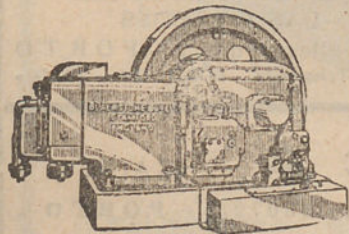
**Senhores Lavradores!**

É altura de proceder à lavagem, desinfeção ou descoloração de todo o vasilhame utilizado nas adegas e lagares de azeite. Para bons resultados usem:

**Trosilina «F»**

REPRESENTANTES PARA PORTUGAL:  
S. A. R. L. QUIMICOR — Secção Agrícola  
RUA SOCIEDADE FARMACÊUTICA, 3 — LISBOA

3693



PARA:

- DEBULHADORAS
- LAGARES DE AZEITE
- MOAGENS
- BOMBAS

MOTORES DIESEL

*Lister-Blackstone*

Pinto & Cruz, Limitada

Rua de Alexandre Braga, 60-64 — Telefone, 26001/2 — PORTO

2177

Jóias-Pratas  
Mármore-Bronzes  
e prendas para  
Baptizados e  
Casamentos

3056

**Ourivesaria  
ALIANÇA**

PORTO  
191, R. das Flores, 211

Filial em LISBOA:  
R. Garrett (Chiado), 50

# MOBILIÁRIO USADO

em todos os géneros, para todos os aposentos.

Temos moderno e antigo.

Temos mobiliário em todos os tamanhos e para todos os preços.

Na nossa casa compra o rico, o pobre e o remediado.

Também fabricamos qualquer modelo por encomenda e fazemos entregas ao domicilio.

VENDAS, TROCAS E COMPRAS DE MÓVEIS DE QUALQUER GÉNERO.

ANTIGUIDADES E TUDO DE VALOR.

A **Casa das Móveis Usadas** do Porto é na Travessa de Cedofeita, 46 — Telefone, 25756.

3605

**Sr. Asmático:**  
LIBERTE-SE DO MEDO  
ÀS CRISES

USE **SEDO-ASMOL** E PODERÁ  
FAZER UMA VIDA  
NORMAL

AGORA:

MAIS ACTIVO  
MAIS ESTÁVEL  
MAIS BARATO

Preço, 18\$00

**SEDO-ASMOL**



2645



**Companhia Hortícola-  
Agrícola Portuense, Limitada**

*O estabelecimento hortícola mais  
antigo e completo da Península*  
Fundado em 1849

*Aduos para todas as culturas — Fórmulas químicas e químico orgânicas — Árvores florestais e de fruto — Oliveiras e videiras — Distintas variedades, rigorosamente seleccionadas — Sementes de horta e forragens — Acabamos de receber dos nossos antigos fornecedores do Estrangeiro, verdadeiramente seleccionadas e com todas as garantias, sementes de Horta e Forragens, a preços razoáveis \* Batata de semente — Anualmente importamos batata de semente, devidamente certificada, das variedades mais produtivas e mais acreditadas no nosso País.*

2096 Catálogos grátis a quem os requisitar

QUINTA DAS VIRTUDES

Rua Azevedo de Albuquerque, 5 — PORTO  
Telefone, 21632      Telegramas: HORTICOLA — PORTO

**ENO-QUÍMICA, S. A. R. L.**

Largo de S. Domingos, 39/41 — Telefone, 23072/3 — PORTO

Produtos para tratamento de vinhos  
Material para laboratórios  
Material para adegas  
Insecticidas e fungicidas

1098

OS MAIORES IMPORTADORES NO NORTE DO PAÍS

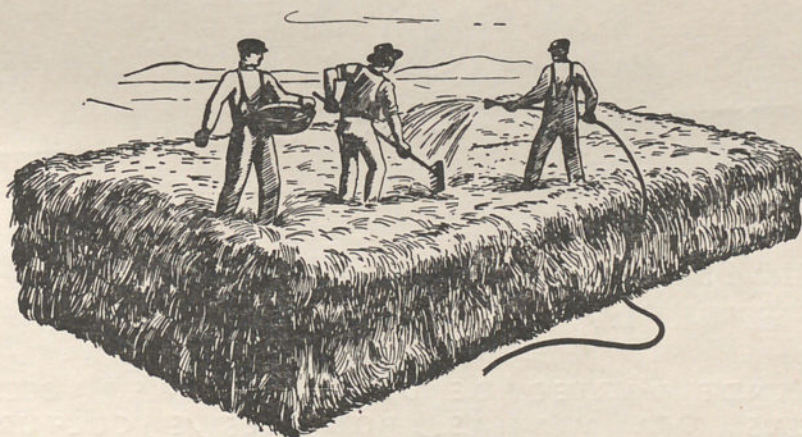
*Snr. Lavrador*

A matéria orgânica é indispensável para se obterem bons rendimentos.

Transforme as suas palhas em óptimo estrume utilizando

## CIANAMIDA CÁLCICA

(CAL AZOTADA)

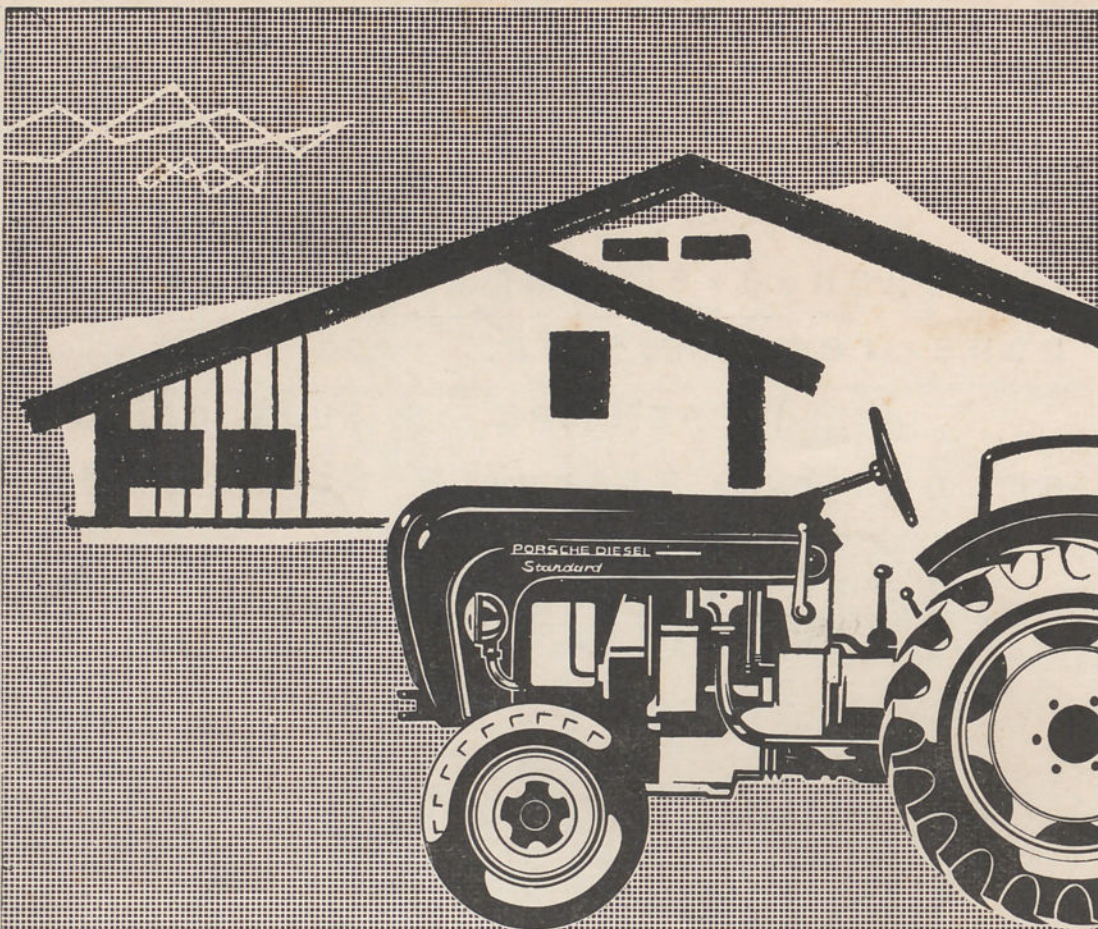


COMPANHIA PORTUGUESA DE FORNOS ELÉCTRICOS

INSTALAÇÕES FABRIS  
CANAS DE SENHORIM



SERVIÇOS AGRONÓMICOS  
LARGO DE S. CARLOS, 4-2.º  
LISBOA—TELEFONE 368989



**A MAIS PERFEITA E COMPLETA FONTE  
DE ENERGIA AO SERVIÇO DA LAVOURA**

- GRANDE VARIEDADE DE POTÊNCIAS • MODELOS ESPECIAIS PARA VINHAS, POMARES E CULTURAS EM LINHA • COMPLETA GAMA DE ALFAIAS
- O ÚNICO QUE APRESENTA EMBRAIAGEM HIDRÁULICA

— MECÂNICOS ESPECIALIZADOS EM TODAS AS AGÊNCIAS DISTRITAIS —

**PORSCHE-DIESEL**

DISTRIBUIDORES GERAIS. J. J. GONÇALVES SUCRS. LISBOA - ÉVORA - PORTO - AGENTES EM TODOS OS DISTRITOS